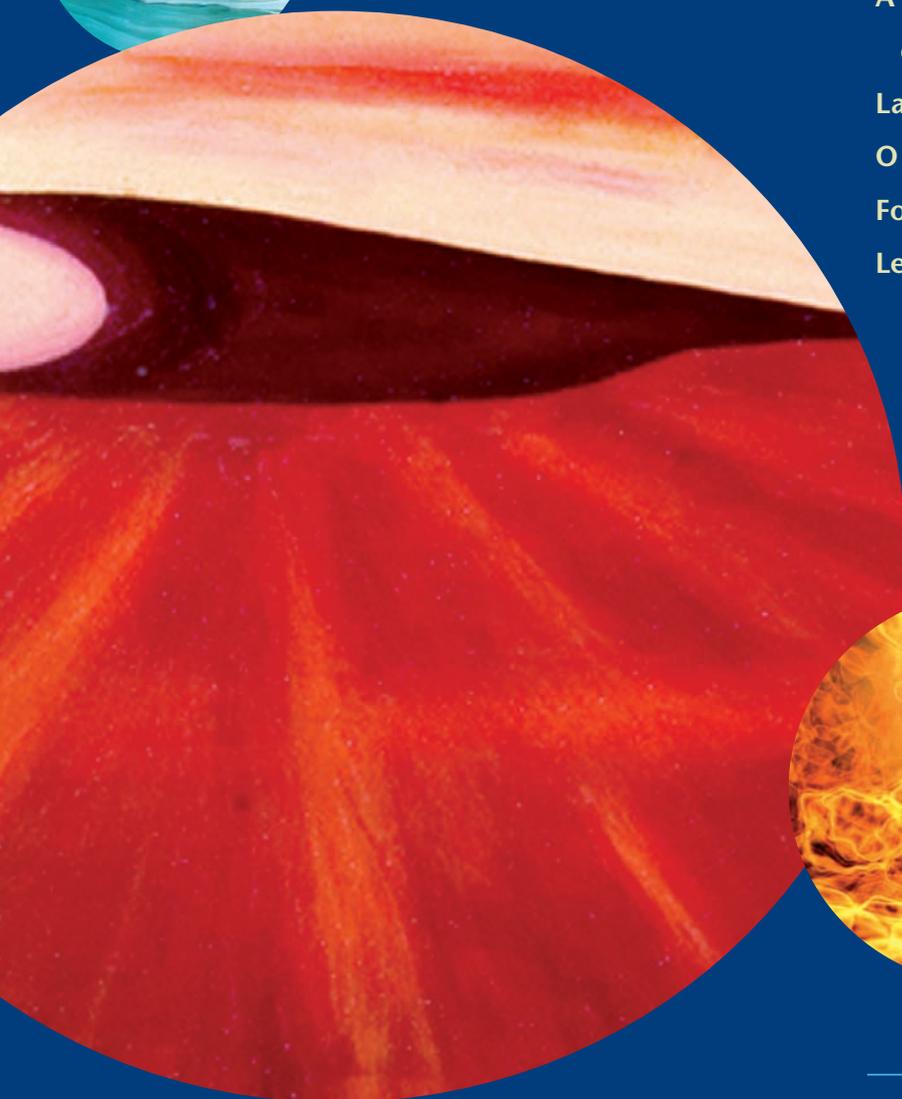


# pentagrama

Lectorium Rosicrucianum



Água Viva

A criação segundo os Hopis

A ponte de fogo e água  
em direção à luz

Laila e Majnun

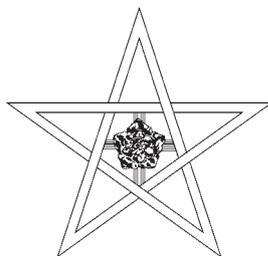
O filho do fogo

Fogo, água, amor

Levantemos âncora

FEVEREIRO 2009

NÚMERO 1

**Editor responsável**

A. H. v. d. Brul

**Redação final**

P. Huis

**Imagens**

I.W. v. d. Brul, G. P. Olsthoom

**Design**

Capa: Dick Letema

Interior: Ivar Hamelink

**Redação**

C. Bode, A. Gerrits, H. P. Knevel, G. P. Olsthom,

A. Stokman-Griever, G. Uljée, I.W. v. d. Brul

**Secretaria**

C. Bode, G. Uljée

**Endereço da Redação**

Pentagram

Maartensdijkseweg 1,

NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.

info@rozekruispers.com

**Edição Brasileira**

Editora Lectorium Rosicrucianum

**Administração, assinaturas e vendas**

Tel: (011) 4016-1817

Fax: (011) 4016-5638

www.editoralrc.com.br

**Responsável pela Edição Brasileira**

M. D. Eddé de Oliveira

**Revisão final**

M. R. de Matos Moraes

**Tradutores e revisores**

S. Cachemaille, M. C. Zanon Costa, I. Duriaux,

J. Jesus, M. Pedroza, A. Sader, M. S. Sader,

Y. Sanderse, U. Shmit, M.V. Mesquita de Sousa,

R. Dias de Luz, F. M. da Silva Luz

**Diagramação, capa e interior**

D. B. Santos Neves

**Lectorium Rosicrucianum****Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP

www.lectoriumrosicrucianum.org.br

info@rosacruzaurea.org.br

**Sede em Portugal**

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa

www.rosacruzlectorium.org

escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers

Proibida qualquer reprodução sem

autorização prévia por escrito

## Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

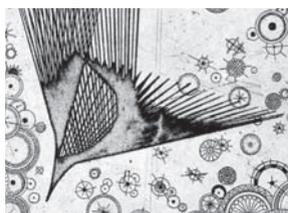
A revista **Pentagrama** propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

# pentagrama

Ano 31 número 1 2009



A terra e os homens formam uma unidade. Se a terra muda, os homens mudam no mesmo tempo, e esses movimentos exercem grande influência em sua consciência. As tensões e o estresse aumentam, e é preciso manter o equilíbrio interior.

O homem está em verdadeiro equilíbrio quando céu e terra nele se encontram. Quem ouve a voz interior vê o exterior em justa relação e enfrenta a tempestade como uma casa edificada sobre a rocha.

Mas quem ouve a voz? E quem crê nela se a ouve? Como ela parece vaga e irreal! Podemos reagir com nossa consciência atual? Entretanto, o caminho existe. Há o caminho de preparação e o caminho de realização. São as duas vias da luz, sempre oferecidas à humanidade para que ela busque a libertação. Encontramos a entrada quando nos aproximamos dela de coração aberto e com grande desejo. E uma vez a caminho, ouviremos a voz que, cada vez mais clara, nos fará compreender o que nos diz interiormente o céu.

## Sumário

água viva

*o remédio universal* 2

a portadora silenciosa de toda vida 6

histórias de amor da terra e do céu

*Laila e Majnun* 10

a ponte de fogo e água

em direção à luz 16

o filho do fogo 22

fogo, água, amor 26

a arte do ceramista

*despertar do espírito e*

*metamorfose da alma* 32

a criação segundo os Hopis 38

levantemos âncora 46

Capa:

Os quatro elementos, fogo, água, terra e ar, estão em conflito mútuo até o momento em que o sol espiritual se eleva e lhes confere uma clara e pura harmonia.

# água viva

Nestes tempos de grandes problemas políticos, profissionais, sociais, pessoais, tanto internos quanto externos, a humanidade se encontra diante de valores e exigências muito especiais. Cada vez mais as pessoas atingem seus limites, elas estão “exaustas” física e psiquicamente. Onde e como remediar isso?

**E**m todos os domínios da vida, as velhas estruturas desmoronam; sentimo-nos perturbados, dilacerados. Tanto no plano do corpo quanto no da alma, procuramos nos curar, sair do impasse. Certas pessoas, em todas as culturas e em todos os continentes do mundo, empregam métodos de cura e remédios variados, e então fazem misturas destinadas ao corpo, à alma e ao espírito... e prometem: “Vocês se tornarão novos homens”!

## A BOA ÁGUA, UM REMÉDIO PARA TODOS?

Dizemos que a água, em todas as suas formas, exerce ação excelente e fundamental sobre a saúde. Porém, a própria água se tornou doente, e é preciso purificá-la por diversos métodos, tanto antigos quanto novos. Cremos na ação benigna da “fonte de toda vida” e usamos muito a “boa” água que se tornou vivente, a “água viva”, como um remédio capaz de nos mudar. E, depressa, devemos reconhecer cada vez mais: não estamos de modo algum curados nem nos tornamos novos homens! Mas começamos a reconhecer que os problemas de nossas vidas têm outro aspecto.

Há alguns decênios, a era de Aquário teve início. E é com velocidade crescente que ela envia para o mundo e a humanidade seus raios intercósmicos muito especiais. A ação purificadora das vibrações que a acompanham faz ruir as velhas estruturas. E como todos os homens inalam o mesmo ar, ninguém pode se omitir desse fogo consumidor. O mundo entrou em um “período

de fogo” sem precedentes, o período da mudança fundamental e do julgamento decisivo.

**AQUÁRIO E URANO** Urano rege o signo de Aquário. Urano é o princípio da intuição, da renovação e do intelecto. Urano é também o amor. Ele é a consciência e o saber para os quais nenhuma explicação é necessária. Urano significa ao mesmo tempo individualidade e vontade pessoais, mas também consciência social, unidade, liberdade, ajuda e cuidado afetuoso, e também desejo e vontade de encontrar um novo ideal muito particular.

Por um lado, Urano nos impulsiona em direção a extremos perigos, e, por outro lado, em direção a oportunidades excepcionais de nos libertarmos da existência ligada a esta natureza. Então, o perigo é que dentro do campo de tensão de nossa procura, nossa consciência seja “queimada”. As possibilidades libertadoras passam pelo renascimento do novo homem, que, após um processo de cura, de santificação, tem o poder de se voltar em direção ao campo de vida original, a natureza divina. E é para realizar esse grande retorno que Aquário derrama sua “água viva” sobre a humanidade.

**A “ÁGUA VIVA”** Alguns terapeutas afirmam que todas as doenças do corpo físico são decorrentes de falta de água: os processos vitais não são possíveis sem todas as funções da água. Pois bem, poderíamos também dizer que a humanidade sofre de falta de uma água existencial, da “água

# o remédio universal

viva”, do remédio verdadeiramente universal. O que significa a água viva para os rosacruzes e para os gnósticos de todos os tempos? Para eles, é a matéria de construção da manifestação divina, o oceano da substância original, o campo-mãe que nos transmuta e nos torna filhos de Deus.

A água viva é a força gnóstica pura, a força de luz da eternidade, chamada “remédio universal” desde a origem dos tempos.

“Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calor algum cairá sobre eles. Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará,



e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima.”(Apocalipse 7, 16-17)

**O REMÉDIO UNIVERSAL** Entretanto, como a água viva, a força de luz gnóstica, exerce sua ação benigna sobre o ser fundamentalmente doente mas que busca por santificação? Tudo começa pela purificação e pelo silêncio do coração, pois o coração é, para a Gnose, a porta de passagem no sistema vital humano. Na calma e no silêncio do coração, a luz pode descer, e é com ela e por meio dela que o coração tem a possibilidade de se purificar. Como radiação da luz, a água viva é recebida pelo corpo etérico, o corpo vital do ser humano. A água viva está em correspondência com o éter vital. Servimo-nos da luz gnóstica para a renovação de nossa vida, e isso ocorre por meio do corpo etérico. A renovação da vida significa a renovação da alma, quer dizer: o (re)nascimento e crescimento da “nova” alma acontecem após longo processo de transmutação alquímica por meio do Espírito – o princípio do fogo. A alma é intermediária entre a água e o Espírito. “Jesus respondeu, e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.” (João 3,3)

**O SISTEMA QUÍNTUPLO DA SANTIFICAÇÃO** A alma humana tem cinco aspectos, cinco estados

de ser onde agem cinco fluidos, de acordo com o caminho da Gnose quántupla. Cada etapa do sistema quántuplo de santificação comporta uma purificação, o que significa que a mudança de um dos cinco fluidos da alma a cada etapa age para tornar possível a etapa seguinte. Os cinco fluidos, as cinco etapas e as cinco ações – com o sangue como fundamento – caracterizam o caminho da transmutação e transfiguração:

1. O fluido sanguíneo: a compreensão da natureza de nosso campo de vida, e a idéia de ser chamado a retornar à ordem divina.
2. O fluido hormonal: a verdadeira santificação.
3. O fluido do fogo serpentino: a oferenda da personalidade, do “eu”, para alcançar a santificação.
4. O fluido nervoso: sob a orientação do átomo-centelha-do-espírito, surge espontaneamente a nova atitude de vida, os novos atos, tais como os prescritos no Sermão da Montanha.
5. O fluido da consciência, realizador do caminho: despertar e ressurreição no campo de vida original.

Esse quántuplo fluido da alma – a Estrela de Belém – a água viva – derrama profusamente sua graça sobre todos. Devemos apenas estar prontos para nos abrir, para nos dispor a estar receptivos.

**CAMINHO E OBJETIVO DA SANTIFICAÇÃO** Podemos dizer também que o “método” da



santificação consiste em “saber – ousar – querer – agir”, o que é a própria prática da nova atitude de vida.

Saber qual ajuda recebemos e porquê, para que ela serve e aonde nos leva.

Ousar enfrentar as conseqüências inelutáveis e concluir o caminho com um profundo desejo, e também com fé e toda confiança.

Querer que nosso ser inteiro mantenha uma atenção permanente, orientada para a santidade desejada – a santificação.

Agir de maneira que o ser testemunhe um novo comportamento reconhecível, que a vida permaneça em harmonia com o raio da luz da Gnose e que a alma cresça.

#### **SÍMBOLO, REMINISCÊNCIA, EXORTAÇÃO**

Desde os primórdios os homens conheciam o caminho de retorno à casa de seu Pai. Eles determinavam o sentido de sua existência terrestre e sua própria missão aqui embaixo com o auxílio de símbolos. Um desses antigos símbolos é o Graal, uma taça ou cratera, onde a água viva, a força da luz gnóstica, transforma o ser humano de modo alquímico, fazendo-o passar do estado de “nascido da matéria” ao estado de “homem de luz” possuidor de uma alma e de um espírito vivente nos domínios da origem.

Na Bíblia, encontramos numerosas indicações sobre a simbologia da água viva como força de luz, força de Cristo, remédio universal: a

transformação da água em vinho nas bodas de Caná, as curas nas fontes de Betesda e Siloé, e naturalmente o batismo da água, que precede o batismo do fogo. O ritual do batismo pela água, seja por aspersão, seja por imersão, existe em todas as religiões. A fonte nos templos da Rosacruz é também o símbolo da água viva que renova tudo sem cessar. Ela estimula o aluno a não somente continuar o caminho da alma, mas também a se ligar à força da alma e se colocar, assim, em condição de praticar esse trabalho de fato. O mundo inteiro encontra-se em desequilíbrio cada vez maior. A conseqüência é o esforço de toda manifestação para descobrir a lei espiritual e natural que leva à harmonia, para compreender e agarrar as forças espirituais e naturais corretivas. Isso implica em ruptura, mas intensifica também a intervenção salvadora da Gnose, sustentada pela atividade de Aquário. Há uma coesão e dependência entre todas as coisas. Todas fazem parte umas das outras: é a ligação total de todas, a unidade de todas. Elas formam o Um. A quem vê e compreende sua impiedade fundamental, sua natureza não divina, são dadas em profusão a capacidade e a força da verdadeira cura, da santificação. Aquário derrama sobre nós, em profusão, seu cântaro pleno de água viva. A criação inteira espera suspirando que os homens, por fim, se voltem para a água viva, o remédio universal, a fim de que surjam as flamas da luz aprisionadas na matéria ✪

# a sustentadora silenciosa

Lao Tsé disse que “a maior das virtudes é parecida com a água. A virtude da água é ser sem conflito e ser útil a todos os seres. O comportamento justo é semelhante à água. A água está em toda parte e permanece em todos os lugares. Ela também está nos lugares desprezados pelos homens”.

A água de nosso mundo reflete todas as facetas da existência humana. Tranqüila e silenciosa, ela anuncia inexoravelmente o curso que toma a humanidade. De modo absolutamente neutro, ela recolhe todas as informações e as distribui no universo inteiro. A água é o maior agente de decomposição de toda a terra. Sem água, as substâncias não se misturam umas com as outras e estão impossibilitadas de seguir seu ciclo.

Quando o homem contemporâneo fala da água viva ele enfoca a pureza da água terrena, tanto no aspecto grosseiro quanto no aspecto sutil desse elemento. Os fornecedores de água utilizam *slogans* tais como “água é vida” ou “água fresca natural”, “água vivificante”, etc. A necessidade de “bem-estar” de nossa sociedade de consumo se mostra tão grande quanto a necessidade dos pobres deste mundo por água para sobreviver. A água fresca das nascentes ou a água mineral cintilante trará de volta a vida pura. Vários dispositivos de purificação de água são oferecidos para a remoção de substâncias nocivas e mesmo para a reprogramação dos padrões vibratórios. Trata-se aqui também da purificação espiritual. Cientistas como Viktor Schauberger desenvolveram técnicas de “turbulência” para que a água conserve por longo tempo sua “vitalidade”.

A água realmente “viva”, a pura força de luz gnóstica, no entanto, jamais terá sua fonte no mundo dialético. Ela jorra exclusivamente dos domínios do Espírito Santo. Essa substância divina original, a “matéria mágica”, está presente em todos os lugares, aqui e agora, mesmo nos lugares “desprezados pelo homem”, diz Lao Tsé. Mesmo que essa substância astral original mantenha o mundo natural, ele não

fará parte dela. É por isso que os éons – grandes concentrações de forças invisíveis – transmutam essa pura substância original diminuindo sua frequência vibratória para torná-la assimilável pelas forças horizontais da vida natural.

**SEDE DA ALMA** Uma sede verdadeira, a sensação de uma necessidade interior, habita os seres humanos desde o início dos tempos. Ela é onipresente e está sempre ligada a uma grande nostalgia de nossa verdadeira pátria, nossa pátria de origem.

Vivemos no início da era de Aquário: as novas condições atmosféricas influenciam cada vez mais a humanidade. O aguadeiro de Aquário derrama seu cântaro cheio de água. Urano brande a espada para marcar a hora da compreensão clara. Mas as grandes forças auxiliaadoras da desmaterialização no caminho da transmutação geralmente são mal compreendidas. De onde vem isso?

**TOMADO ENTRE DOIS PÓLOS** A molécula da água, H<sub>2</sub>O em Química, é composta de dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio. Como portadora de informações, ela está incessantemente em movimento e se associa com outras tão depressa quanto se dissocia. Essa molécula é dipolar (os centros de suas cargas elétricas positivas e negativas não coincidem) e reage imediatamente a estímulos elétricos. As moléculas da água interligam-se por meio de pontes de hidrogênio estruturadas, que oscilam com uma frequência característica.

Todas as substâncias que constituem nosso planeta vibram entre dois pólos. Nada nesta natureza é fixo ou permanece imóvel. Tudo no universo possui seu

de toda vida



### UMA PARÁBOLA DE BUDA

ilustra a necessidade de uma fé profunda. Quando Buda encontra seus discípulos na borda de um lago ele diz esta parábola: “Imagina, ó monges, que uma tartaruga cega que carrega um jugo de madeira ponha-se a nadar em todos os lagos do mundo. A cada cem anos essa tartaruga cega emerge uma vez só para respirar. Acreditaís que essa tartaruga poderá libertar sua cabeça de seu jugo?” Os monges

responderam: “Não, Senhor, é absolutamente impossível e ela não pode estar ao mesmo tempo num lugar e em todos os lagos do mundo”. Buda responde: “É improvável, no entanto, não é impossível. Como também é improvável que nasça um ser humano com todos os seus membros e sentidos e também com a faculdade de entender a palavra da verdade”. Podemos encontrar nesta parábola uma grande consolação. Uma

ocasião maravilhosa é ofertada à humanidade e a cada microcosmo, e isso em nosso mundo. Mesmo sendo um mundo decaído, ele é, no entanto, um lugar de graça onde existe uma única possibilidade de encontrar o caminho de retorno. O reino de Deus é a única fonte de tudo o que existe. No momento em que a pureza da nova alma se reflete na fonte original, a água viva dessa fonte tem a possibilidade de se refletir sobre todo o universo.

próprio comprimento de onda. Os materiais mais duros também vibram. A madeira e o concreto vibram continuamente, cada um em sua frequência específica. O próprio corpo humano é constituído em média de 70% de água; órgãos importantes e mesmo nosso sangue contêm 90%. Verificamos ainda que 70% da superfície da terra são cobertos por água. Concluímos, então, que nós mesmos vibramos, que somos seres inteiramente vibrantes! Tomando consciência desse fato, compreendemos até que ponto dependemos de tudo o que evolui e se movimenta neste mundo.

Mas essa verificação por si só não é suficiente para nos libertar de nossa aspiração interior: com base nesse desejo, devemos colocar mãos à obra. “Quando a força-luz é inalada sem ser empregada”, como escreveu J. van Rijckenborgh em *O remédio universal*, “surtem grandes perigos no que se refere a um reforço do estado de ser dialético e suas conseqüências”. Quem compreende que tudo está estreitamente ligado neste mundo entende que, à medida que age ou não, assume grande responsabilidade diante da existência humana inteira.

A era de Aquário é um tempo de violentas mudanças, onde teremos a oportunidade de romper com tudo o que nos aprisiona, tanto exterior quanto interiormente. Então, tomemos a evidente decisão de nos consagrar às ações daí decorrentes. Aquário rompe e nos faz dar uma reviravolta. Utilizemos

inteligentemente essas possibilidades. Evidentemente o tempo dá uma reviravolta; e não está passando mais e mais rápido? Quanto tempo ainda nos resta para seguir o chamado do átomo original de nosso coração?

### DEPOIMENTOS SOBRE A ÁGUA TERRESTRE

O pesquisador japonês Masuro Emoto conseguiu capturar o estado da água da atmosfera tirando fotos de cristais de água. Ele demonstrou também que a água responde a palavras, imagens e sons musicais e mesmo a sentimentos. Suas fotos mostram gotas de água congeladas que, iluminadas do alto e examinadas no microscópio, tornam os cristais visíveis. Esses resultados apresentam grande precisão: os mais belos cristais de tipo hexagonal formam-se com as palavras “amor”, “reconhecimento” e durante celebrações religiosas. Ao se enunciar as palavras “imbecil” ou “louco” nenhuma cristalização aconteceu, mas o resultado é uma imagem de devastação. Os sentimentos podem agir sobre a estrutura da água e mesmo desencadear um processo de transformação, o que foi demonstrado em uma experiência em julho de 1999. O dr. Emoto organizou uma reunião com 350 pessoas em volta do lago Biwaki, que é o maior do Japão.

O grupo realizou uma cerimônia destinada a purificar o lago recitando a “Grande Conjuração”. De fato, água tornou-se visivelmente mais pura,

e o crescimento das algas foi interrompido. Após anos de experimentação, o dr. Emoto demonstrou o seguinte: se a corrente de água escoar harmoniosamente, a própria água se purifica; se afluentes e rios escoam de maneira natural, a água é bela. Se seu curso é interrompido por um dique ou uma barragem, deve-se esperar muitas vezes pela morte estrutural das águas. Ocorre o mesmo com a circulação do sangue: se ela é bloqueada, a morte corporal começa no local do bloqueio. Segundo as descobertas do dr. Emoto, estar em harmonia com a natureza é “fluir” em harmonia com o mundo. Os bloqueios deste mundo reprimem a corrente natural da água. “Devemos cumprir uma missão. Temos o dever de devolver à água sua pureza e criar um mundo onde é bom viver. Assim, cada pessoa neste mundo deverá possuir um coração puro e belo.” Essa citação nada mais é que o chamado gnóstico à purificação do coração! Mas como alcançá-lo?

Como sentir o que circula em nosso interior? Unicamente pelo autoconhecimento! Isso pode começar por uma revolução interior: nada fazer, não agir conforme o estado do momento. Mas a bondade somente não bastará. Sem uma clara visão do nosso papel e da coesão de forças que dirigem a natureza – e as sociedades – as teorias do dr. Emoto e as “conjurações” se transformarão em seu contrário. J. van Rijckenborgh escreveu, em *O advento do novo homem*: “Grande onda humanista se movimenta. Grande bondade arde em milhões. A causa fundamental, a essência de toda a doença, nossa existência

dialética, permanece completamente intata. Pior ainda: segundo as leis fundamentais da dialética, a maldade coletiva da humanidade e os sofrimentos a ela ligados são estimulados e fortalecidos na mesma proporção em que a luta humanista comum contra a enfermidade se desenvolve. O terrível estado doentio da humanidade é com isso ainda piorado! Dez anos, porém, de uma atitude de vida modificada total e fundamentalmente fariam a aflição sumir como uma rajada de vento!”

Somente em águas calmas o lótus desenvolve toda sua força para se erguer, emergir até a superfície da água e crescer para se tornar uma flor esplêndida ★

Fontes:

Rijckenborgh, J. v. *A Gnosis chinesa*.

Jarinu: Editora Rosacruz, 2006.

Rijckenborgh, J. v. *O remédio universal*,

2ª ed. Jarinu: Editora Rosacruz, 2003.

Rijckenborgh, J. v. *O advento do novo homem*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1988.

Emoto, M. *As mensagens da água*. São Paulo: Ísis, 2004.

# histórias de amor da terra e do céu



A maioria das histórias de amor que fazem parte das tradições universais não termina bem. Mais precisamente: o amor entre dois apaixonados não se realiza completamente por diferentes razões. Romeu e Julieta, Fausto e Margarida, Orfeu e Eurídice, Tristão e Isolda são exemplos típicos, bem como a história oriental de Laila e Majnun. Por que essas histórias, há séculos, retornam sob formas de contos, filmes, balés? Por que nunca têm um final feliz? Quais são as características particulares que todas compartilham no mundo das idéias?

**L**AILA E MAJNUN A história de Laila (nome que evoca olhos e cabelos negros como a noite – *leil* significa noite em árabe) e Majnun, que o poeta persa Nizami escreveu em 1188, relata esse mesmo assunto intrigante. A história é resumidamente a seguinte: o jovem beduíno Majnun é apaixonado por Laila que compartilha esse amor. O pai de Laila opõe-se a esse casamento e força-a a casar com outro. Majnun, desesperado, afasta-se de sua família, de sua tribo, da sua pátria. Sofrendo e solitário, ele vagueia no deserto rochoso. “Os olhos das gazelas recordam-lhe sua bem-amada perdida. Ninguém pode ajudá-lo, aliviá-lo. Ele nada sabe e de nada fala senão de Laila.” Sua profunda tristeza torna-o louco, daí o nome *Majnun Laila*, louco por Laila em árabe.

Todos os esforços para lhe devolver um pouco de bom senso, para trazê-lo de volta à sua tribo, falham. Todas as tentativas de convencê-lo de que o seu amor é insensato continuam a ser vãs. Seu pai envia-o em peregrinação a Meca para pedir a Deus que o livre de seu sofrimento, mas sem sucesso. Para agradar seu pai, Majnun faz esta oração: “Tu, que derramas sobre nós o amor, eu te imploro uma única coisa: eleve-me no amor de modo que eu e minha bem-amada provemos a felicidade mesmo que eu deva morrer”.

Ele exprime sua dor em versos contundentes. Muitos o procuram para ouvi-lo improvisar e cantar seus maravilhosos poemas e encantar-se com sua flauta. Após a morte do seu cônjuge, Laila, que continuara fiel ao amor de Majnun, deixa-se levar,

lamenta-se e chora incessantemente; numa fria noite de outono, ela sai secretamente, sussurrando, os olhos fixados na porta: “Majnun”. Laila morre e Majnun, mortalmente infeliz, joga-se sobre o seu túmulo e morre também. Seu corpo descansa sobre o túmulo onde jaz Laila e é apenas no dia do aniversário da morte dela que sua família e seus amigos reconhecem-no e enterram-no ao lado de Laila. Até que nada reste de seus corpos, eles são guardados pelos animais selvagens que acompanhavam Majnun no deserto e velavam por ele. Os dois apaixonados são unidos pela eternidade. Separados na terra, eles então se tornam um.

**A RELIGIÃO DO AMOR** Laila e Majnun não podem se ver, mas como os poemas de Majnun são conhecidos em todo o país, Laila está a par de sua tristeza. Uma única vez, graças a um amigo, eles conseguem se ver. Eles não correm o risco de ser incomodados, mas permanecem a certa distância um do outro. “Envolta em seu véu e escondida na sombra da noite, Laila corre para o jardim. Sua alma voa à frente. Por fim, ela avista Majnun. Ela pára antes de alcançar a palmeira contra a qual ele se apóia. Seus joelhos tremem e os seus pés parecem cravar-se no solo. Dez passos separam-na ainda do seu bem-amado. Um círculo mágico cerca-o, ele, que não pode cruzá-lo. Ela volta-se para o velho ao seu lado e diz: “Homem sábio, não posso ir mais adiante. Veja, estou agora como sobre carvões ardentes. Se me aproximasse mais perto do fogo, consumir-me-ia. Aproximando-nos, corremos o risco de naufragar; na religião daqueles que se amam, isso é um erro...” Laila mostra, assim, que ela é uma apaixonada que

## “Entretanto, aquilo que é aqui uma unidade deve aparecer sob a forma da dualidade...”

sabe obedecer “à religião do amor”. Que quer dizer isso?

Laila sabe que na terra seu desejo nunca será satisfeito completamente. “Nossa aproximação significa nossa perda.” O amor que a une a Majnun não pode ser preenchido unicamente pela união de seus corpos. Qualquer tentativa desse tipo é contrária “à religião do amor”. Esse termo de religar (*religio* em latim quer dizer ligação) significa que Laila está consciente de que seu desejo de amor refere-se ao seu desejo de alcançar o absoluto da origem. E a religião do amor é, em verdade, a realização da promessa dos bem-amados: dever unir-se para sempre ao amor original.

**MAJNUN, O FILÓSOFO DO AMOR** Se considerarmos que o amor de Majnun é uma paixão humana, então julgamo-lo excessivo, desmedido. Se considerarmos que é o símbolo de um desejo superior, então ele é realmente amor. Da mesma maneira que o *Tao Te King* afirma: “Não ter fê suficiente é não ter fê” podemos dizer: “Um amor que não é eterno é apenas um brinquedo para o prazer dos sentidos e passa como a juventude. É apenas ilusão e quimera: não é amor. O tempo passa, mas não o amor. Porque o incêndio onde ele queima é a eternidade que não tem nem início nem fim. Nesse sentido,

Majnun merece o nome respeitável de filósofo do amor”.

Majnun não é apenas “o rei do amor”, mas, solitário no deserto, é também o rei dos animais. Ele e Laila vão, mais que outros, herdar o paraíso perdido bem como os animais sobre os quais reina Majnun. “Surpreendemo-nos grandemente que Majnun nunca foi ameaçado pelos animais cujo campo de caça é a estepe e o deserto”. Gradualmente os animais habituam-se a ele e são atraídos por ele. Eles o sentem de longe e chegam voando, correndo, galopando, rastejando, e os círculos que fazem em redor dele ficam cada vez menores. Há animais de todas as espécies e tamanhos. E, oh milagre, não se devoram uns aos outros, perdem o medo um dos outros, e terminam por ter confiança uns nos outros. Parecem mesmo ter esquecido sua voracidade e adquirido entre si maior familiaridade... Conseqüentemente, Majnun tornou-se seu rei, da mesma maneira que Salomão... O lobo já não devora “o cordeiro, o leão já não ataca os burros selvagens, a leoa aleita jovens gazelas órfãs, o chacal superou sua discórdia ancestral com a lebre...”.

E, no entanto, aquele que é apenas um deve aparecer como dois neste mundo...

No jardim, Laila pediu ao amigo que proporcionou esse encontro, o único de todos esses anos,



que solicitasse a Majnun que escrevesse alguns versos para ela:

“Aqui, o que não é senão um parece dois,  
que não podem se unir para fazer senão um.  
Nenhum caminho une perfeitamente dois corpos;  
somente uma alma pode se fundir em outra alma.  
Meu coração é eterno porque te ama  
a morte está onde tu não estás.  
Se estás perto de mim, sou inteiro,  
porque tu és minha parte da vida eterna...”

No poema para Laila lemos que a dualidade é a característica de nossa vida. Na terra, aqui embaixo, a unidade original do homem e da mulher já não existe, ela já não é possível e se transformou em dualidade... Contudo, há o desejo pela unidade original. A vida na terra é determinada pela busca da unidade com nossa outra “metade”, irrealizável pelo ser humano. Porque “Somente uma alma pode se fundir em outra alma”.

No entanto, diz Majnun, há algo que cura esse sofrimento. É o coração apaixonado, embora ele seja apenas a roupagem que esconde a história de amor eterno. É isso que torna a história de Laila e Majnun uma história de amor especial. Porque é uma história baseada na alma e no espírito. Se Majnun escreve “a morte está onde tu não estás”, não quer dizer que ele, Majnun, morrerá se estiver sem sua amada. Ele lembra que a vida pode ser real quando tocada pelo Espírito. Se o Espírito não está presente, então “a morte está onde tu (o Espírito) não estás”.

E o verso “Se estás perto de mim, sou inteiro,

*“Quem pode curar-me? Tornei-me um exilado. Onde estão minha família e minha casa?*

*Não há nenhum caminho que me leve e nenhum caminho que leve ao meu amor.*

*O meu nome e a minha reputação estão perdidos como o vidro que se quebra ao*

*cair sobre a rocha. O tambor que me transmitia boas notícias está destruído e a única coisa que meus ouvidos entendem é o duro golpe da separação.*

*Ando a procura do meu amor como um escravo. Ela acaricia minha alma.*

*Se mandar me embriagar, faço-o.*

*Se me pedir que fique louco, ficarei.”*

Nizami. *Laila e Majnun*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.

porque tu és minha parte da vida eterna” sublinha o que foi dito anteriormente: o princípio do amor eterno e imutável é descrito também sob o aspecto da rosa-do-coração ou a flor-de-lótus que floresce. Eles amam uma parte da vida eterna ou, na linguagem da Rosacruz, uma centelha da luz eterna, uma pequena parte da eternidade que levamos em nós.

**UMA HISTÓRIA DE AMOR QUE ACABA MAL?** A impossibilidade do amor ideal nas condições da dualidade sublinha a separação dos sexos. Majnun mostra claramente em seu poema que a lembrança da unidade original persiste. O princípio do amor

faz parte da vida eterna. Essa lembrança da eternidade está em nós como uma tristeza permanente, latente, e no caso mais favorável, é o estímulo que nos impele à procura de sua causa e ao caminho de cura. As maneiras de aliviar esse sofrimento são muito diferentes. Uma delas é a busca pelo amor humano ideal.

Compreendemos, por conseguinte, por que as histórias de amor que não têm um final feliz tocam-nos tanto. Ainda que se escreva sobre a união humana “normal”, o fracasso toca nossa alma muito profundamente. Reconhecemos nesse amor infeliz a impossibilidade do amor ideal entre o homem e a mulher. Sabemos que é impossível, mas queremos continuamente tentar outra vez.

E como nosso desejo pelo amor imutável permanece insaciado, encontramos por toda parte histórias de amor que terminam bem. Isso nos consola durante algumas horas. Entretanto, nossa fome não é saciada. As histórias de amor que terminam bem podem ter um valor literário tão sutil como os romances de Jane Austen\* ou as histórias de amor triviais. Essas duas formas de literatura podem aliviar temporariamente o desejo pelo amor perfeito, o qual não é, no entanto, possível neste mundo. A força de atração de todas as novelas da televisão vem daí.

Podemos ainda aprender algo mais da história de Laila e Majnun. É a história da alma e do Espírito que não podem nem exprimir-se nem unir-se nesta natureza. É por isso que Laila diz: “Se me aproximo do fogo, serei inteiramente consumida”. Laila percebe que, do modo como ela é, não pode aproximar-se do fogo. Para isso, a alma natural deve

transformar-se. O Espírito não pode encontrar senão uma alma preparada para ele.

**TRANSFORMAÇÃO DA ALMA HUMANA** O homem e a mulher têm de se preparar para tarefas variadas, e eles também estão equipados de forma diferente. É necessário que esse caminho leve da dualidade à unidade. Poder-se-ia dizer que esse caminho deve conduzir para fora da polaridade, o que levaria a uma verdadeira transformação, a uma transfiguração.

Deus. E tornar-me o que ele é: um clarão no clarão, uma palavra na palavra, um Deus em Deus” ✪

## “Se eu me aproximar demais do fogo, serei consumida por inteiro”

O estímulo que causa o movimento e a transformação faz superar a polaridade ou separação, que é o resultado da queda. São justamente as mudanças que se repetem, a alternância de felicidade e desgraça, vida e morte, que desperta o desejo de transcender a separação.

**O BOM FIM** No plano humano, o fogo e a água são opostos. O Espírito e a alma natural não podem unir-se uma vez que não há evolução da alma natural, a fim de que ela possa aproximar-se do fogo sem ser consumida.

Angelus Silesius fala assim do objetivo a alcançar: a formação da unidade com base na dualidade: “Se quero encontrar o último fim e o primeiro começo então devo estabelecer Deus em mim e eu em

★ Jane Austen (16 de dezembro de 1775 - 28 de julho de 1817) foi uma escritora inglesa proeminente, considerada por alguns como a segunda figura mais importante da literatura inglesa depois de Shakespeare. Seus romances mais conhecidos no Brasil são *Sense and Sensibility* (Razão e Sensibilidade) (1811) e *Pride and Prejudice* (Orgulho e preconceito) (1813), que foram transformados em filme.

Fonte:

Nizami. *Laila e Majnun*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.  
Silesius, A. *O peregrino querubínico*. São Paulo: Paulus, 1996.



**R**omano está na frente do mar e olha o horizonte longínquo no ponto onde o céu e o mar confundem-se. Há uma semana ele faz isso todas as noites. Hoje está ventando, e as ondas estão espumosas. A apreensão interna que conhece desde a infância aumentou nessa última semana e continua para ele uma companheira presente, em especial quando grandes mudanças preparam-se. Esta noite é muito diferente. Sente-se olhado, observado. Sua atenção é chamada continuamente por um senhor que olha o mar e está sentado não muito distante dele. De repente, sente que seus pensamentos juntam-se aos dele. Tem consciência de que seus pensamentos parecem voar ao vento num desejo infinito por liberdade. Então, tudo fica calmo e silencioso ao seu redor. Seus pensamentos desaparecem no horizonte e perdem-se no nada.

**UMA DANÇA CÓSMICA** Romano já não sabe quanto tempo ficou ali sentado e acorda de seus pensamentos de sobressalto quando o velho encontra-se de repente ao seu lado. “Como as ondas, esta noite, estão bonitas! Venho frequentemente sentar-me aqui e pergunto-me de onde elas vêm.” O velho senta-se ao lado dele e contempla o mar. Essa reflexão inesperada faz nascer nele um afluxo de imagens; como se portas do seu passado, ainda fechadas há alguns segundos,

# a ponte de fogo e água em direção à luz

A história do velho e do mar, das forças originais,  
dos éons e da luz insondável

se abrissem de sopetão. Ele submerge em lembranças. Logo vagueiam em seu cérebro certas noções científicas. Ondas agitam-se. Ele reconhece os movimentos que sobem e descem das ondas da sua própria vida. No momento seguinte ele se encontra no cosmo e percebe o movimento ondulatório de cada átomo. Grupos de átomos movem-se ao mesmo ritmo. Ele aproxima-se do ponto onde as forças cósmicas subjacentes a toda a criação cósmica se separam. É lá que se dividem as duas forças originais, que ele vê sob a forma de água e fogo. O fogo põe em movimento perpétuo a substância atômica e não cessa de criar novas formas. A água é a substância disponível para as novas formas que afluem. À medida que Romano segue o movimento, o fogo e a água separam-se, e o movimento ondulatório alivia-se completamente. Eles não sabem quanto tempo permaneceram um perto do outro sem sequer trocar uma única palavra. Então o velho diz: “Chegou a hora”. Lança um olhar para Romano e vai-se. Perdido em seus pensamentos, Romano volta pra casa. No dia seguinte, organiza-se para terminar o mais depressa possível suas atividades e volta mais uma vez à praia. O velho está lá, como era de esperar. Romano lança-lhe um olhar questionador. Aquilo que experimentara na véspera não o deixou, como uma música de fundo que ressoa o dia todo. O “mar” de impressões, visões e imagens do passado provoca mais e mais novas lembranças. Só agora é que ele percebe as profundas rugas no rosto do velho. Cada uma delas conta sua própria história. Seus olhos contemplam tranquilamente

o horizonte. Romano senta-se e olha na mesma direção. Seus pensamentos se entrelaçam outra vez de maneira estranha e perdem-se no horizonte. Ele observa o mar e o movimento das ondas espumantes. Ele olha o sol aproximar-se do horizonte. De repente, abre-se para ele o panorama da véspera. Ele vê o espetáculo das forças da natureza, com a dança das formas em constante mutação, cujo tema é a matéria. É como se elas criassem espaços para a manifestação das formas. A transformação das formas ocorre sem cessar enquanto o tempo passa.

O tempo está excepcionalmente bom hoje. A estreita linha do horizonte é claramente visível. Lentamente, ela alarga-se. Há uma estreita linha que cerca e contorna todas as forças desse espetáculo. É a linha divisória entre o início da energia sutil, acima do horizonte, e a energia mais grosseira, abaixo, uma separação entre o céu e a terra. Romano sente-se transportado para o horizonte e ligado a luminosas linhas de força que, como faixas brilhantes, o conectam às energias que aparecem acima e abaixo do horizonte. Ele percebe que centenas dessas faixas envolvem-no numa roda que gira continuamente num sentido ou no outro, no espaço e no tempo. Ele vê como essas faixas mantêm-no e dirigem-no durante sua vida. Elas terminam em doze grandes concentrações de energia que, em espirais, se juntam na forma de uma imensa roda giratória. Ele relembra todos os homens que observou durante o dia, vendo-os como marionetes, pendurados nessas faixas. O cenário altera-se. Aparece então uma

## Havia ainda uma questão

enorme entidade que dirige essa concentração de doze energias. Essa potência, composta de fogo e água, é a violenta força elementar que preenche o cosmo inteiro. Ela mistura essas energias para criar, de maneira sempre diferente, inúmeras formas nas doze concentrações de energia. Sem cessar ela envia uma corrente de pensamentos revestidos de fogo e extrai novas possibilidades para a água. Surgem formas complexas que vivem mais ou menos muito tempo. Tudo se move através do espaço e do tempo. Romano começa a se perguntar o que confere a essa entidade o poder de governar. Ela é composta da energia do mundo que governa e, no

entanto, Romano sente que todos os outros seres estão sob seu domínio.

O regente volta-se para Romano e abre os olhos, que são como duas grandes rodas de fogo. No mesmo instante Romano sente o fogo em todo o seu ser. Ele se sente queimar. Ele tenta desviar sua atenção para outra coisa, mas está fascinado e preso. Romano sente as possibilidades ilimitadas que estão ligadas a essa entidade, cujo poder e cuja liberdade o fascinam. Cada fibra de seu ser deseja apenas ligar-se com esse poder. “Sou o senhor teu Deus, não há outros deuses além de mim.”



que ocupava seu pensamento:

“quem é esse velho que, toda noite, lhe faz companhia?”

Essa potência, “o príncipe deste mundo”, lança esse chamado de maneira incessante, e todos a ela obedecem porque tudo vem dela.

**DOIS FOGOS** Ao voltar para casa, sua apreensão não cessa. Nesse meio tempo, o velho partiu. Logo as imagens daquela noite começam a se apagar progressivamente. Ele retorna a seu mundo sem perder o contato com a experiência que teve. Há ainda outra pergunta que gira em seu espírito: quem é esse velho que, toda noite, lhe faz companhia, vem sentar-se perto dele e não diz uma palavra durante toda a noite? Ele fica ainda muito tempo acordado olhando o céu noturno pela janela do sótão. Ele aguarda ansiosamente a próxima noite para voltar à praia. Durante todo o dia tem a impressão de que se impõem a ele os sentimentos e experiências vividas; chama isso de “luta entre luz e trevas”: é a expressão que melhor ilustra esses acontecimentos. Incessantemente gira em sua cabeça a frase: “Sou o senhor teu Deus, não há outros deuses além de mim”. Parece que um sombrio abismo se abriu diante dele. Sempre que corre o risco de cair nesse abismo, Romano sente que uma segunda força, uma profunda aspiração, protege-o de entregar-se a essa potente atração. Um desejo arde em seu coração, mais forte que todas as forças deste mundo. Ele torna-se consciente de que, nas trevas, a força do abismo e a força do que se intitula “príncipe deste mundo” provêm da mesma fonte, enquanto a luz em seu coração é algo completamente diferente. Ele tem mesmo a impressão de que a poderosa entidade

percebida na noite anterior teme o desejo que emergiu em seu coração.

E então ele corre o mais depressa possível para a praia. Não há vento, e o mar está plano como um espelho. Ele nota que o velho já está sentado lá, e isso alivia-o. Dirige-se direto até ele. Cumprimentam-se e trocam algumas palavras sem interesse. Em dado momento, o velho vira-se e olha o mar. Romano, sentado perto dele, é preenchido por um sentimento pleno de grande certeza. Cada imagem que pousa na superfície da água reflete-se sem alteração. Parece que a atmosfera perfeitamente tranqüila, pura e neutra da água transmite-se para dentro dele. A imagem da noite anterior aparece-lhe outra vez. Todas as linhas energéticas reúnem-se agora no potente “príncipe deste mundo”. Ele plaina acima da água, e dele emana uma corrente mental incessante que influencia a água, um mar de possibilidades ilimitadas e de trevas infinitas.

Romano concentra-se na paz silenciosa que o habita interiormente, e, naquele momento, reconhece uma nova forma, uma forma constituída unicamente de luz, uma luz indescritível que evoca nele harmonia e paz. Não há espaço que não seja penetrado por essa luz. Mas o potente “príncipe deste mundo” não a vê, embora ela o envolva e penetre. Então, Romano tem certeza de que o ser de luz sustenta-o como uma mãe e dá-lhe a força para manter-se acima de tudo o que pertence a este mundo. O ser de luz parece lançar um véu de sombra sobre “o príncipe deste mundo”. Embora



a sombra seja sutil, isso o enraivece e gera tumulto em sua criação. Sem cessar ele fita Romano, que sente que o fogo desses olhos é apenas uma deformação, uma alteração do fogo verdadeiro que anima o ser de luz. Romano observa a ação direta da luz, o desejo que queima em seu coração alivia-o. Ele está consciente do conflito que se desenvolve em seu interior. Essas duas forças continuam em luta. Uma quer dominá-lo, enquanto a luz original espera o momento em que sua força vai ligar-se totalmente a ele.

**MAIS POTENTE QUE TODOS OS DEUSES** em seu primeiro dia livre após todos esses acontecimentos, Romano decide ir ao parque. É um dos primeiros dias ensolarados da primavera, e está cheio de gente. Ele não presta realmente atenção às pessoas porque está ainda influenciado pelas impressões anteriores. O ser de luz contactou-o interiormente de forma completamente diferente e nova. Ele não pode acreditar que esse ser luminoso aja sobre o todo sem que o percebamos. Ele percebe as ondas luminosas e também inúmeras pessoas que parecem não ser de modo algum perturbadas por elas. Tem a impressão de ter se tornado alguém a quem foi confiado algo extraordinário. É como se ele tivesse o conhecimento do mundo inteiro e, no entanto, nenhuma das pessoas que o conhecem percebe o que o preenche. Ele volta seu pensamento para o ser de luz. Seu ambiente altera-se então diretamente. Ele

assiste tudo que acontece a seu redor como um filme projetado sobre uma tela. De seu coração emana uma paz indescritível. Ele sente que já não terá nada a fazer nesse filme. É como se fosse eliminado.

Essa luz é mais imensa e mais potente que todas as quais se tornou consciente. É um mundo sem conflito, angústia, obscuridade, que está presente por toda parte, mas que ninguém percebe. Esse ser luminoso é o Deus dos deuses, mais potente que todas as potências, e absolutamente invisível no meio de todo o visível. Romano é tomado por uma vertigem. Ele deve assimilar todas as impressões sem se perder no inimaginável “nada”. Voltando a si mesmo, vê inscrever-se no espaço ainda uma pergunta: “Há uma porta que liga o inimaginável ao imaginável?”

O ser que o toca em seu interior mais profundamente perturba o mundo. Romano sempre havia acreditado que a criação tivesse acontecido como descreve a Bíblia no Livro do Gênesis, e que começara com o Espírito plainando sobre a superfície das águas. Agora reconhece com alegria que há uma criação inimaginável, sempre nova, sempre criadora, que sempre existiu e trabalhou e que abarca a criação de acordo com o Gênesis. Ele toma consciência do que é inimaginável e pode perceber, por uma janela, outro mundo. Ora, onde há uma janela, deve haver uma porta, e onde há uma porta, deve haver um caminho. Então, ao refletir, dirige-se para a praia.



**A ÁGUA LUMINOSA** Ele sente-se libertado de um grande peso vendo o velho sentado nas dunas. Hoje, ele quer falar-lhe. Senta-se perto dele e espera que ele se volte. Então, diz-lhe: “Pelos experiências destes últimos dias, sinto como se estivesse em um cinema. Olhando a tela, vejo um filme do qual já não participo. Quando me viro, vejo apenas escuridão e uma pequena lente de onde tudo parece sair. Estou sentado num vazio inimaginável, onde nada avança nem recua. Estou num cinema e percebo-me cercado por algo intangível”.

O velho assente como se o compreendesse: “Essa situação é chamada o fim do mundo. No momento em que você vê isso claramente, sabe que aí está um novo começo. Todas as pessoas, neste mundo, andam sobre uma esfera, mas uma esfera não tem nem início nem fim. Você chegou ao ponto no qual vê a esfera da parte externa”. “Posso facilmente imaginar o que você está me dizendo! Porque faço precisamente a ligação entre o imaginável e o inimaginável; o poderoso ‘príncipe deste mundo’ também está em condição de fazê-la? Por que eu posso fazê-la?” “Romano, você pode fazê-la porque é um homem.” O velho vira-se outra vez para o horizonte, e Romano compreende que a conversa acabou. Romano olha também o mar e procura a fina linha que separa o céu e a terra. Naquele instante, forma-se no horizonte uma porta, um portal. Ele não pode dizer se o horizonte está

muito distante dele ou se atravessa diretamente o seu corpo. A porta encontra-se no horizonte ou em seu coração?

Mais uma vez sua visão altera-se. Ele está no horizonte. Ele atravessa o portal e chega a um espaço desconhecido com muitas portas. No centro, coberta por uma elevada cúpula, está uma fonte. Na verdade, esse espaço deveria ser sombrio, não há nada para iluminá-lo. A única luz que ele vê não tem um ponto focal, mas tudo lá é feito de luz. A luz mais forte provém da fonte que está ao meio. Os jatos de água parecem ser feitos de água luminosa. Ele sente que a água luminosa enriquece-o interiormente e atua em sua cabeça.

Ele anda ao redor da fonte, que se transforma a cada passo. Num lugar, ele vê um jato de água que surge do meio, em seguida se torna dois, três, sete, e sete vezes sete, e sete vezes sete infinitamente. Ele dá várias voltas ao redor da fonte para impregnar-se cada vez mais do espetáculo vivo e sempre diferente dos jatos de água. Enfim, ele aproxima-se da fonte e percorre com os olhos a bandeja que recebe a água. Atrás dele, o glorioso portal pelo qual já não será necessário passar e tudo que está unido a seu passado se perdem nas profundidades da luz. Seu primeiro pensamento atinge a calma superfície da água, forma uma onda, e como resultado surge a forma de um ser. Seu primeiro pensamento vive ✨



# filho do fogo

O homem possui no coração um princípio ígneo, assinatura indelével de seu estado divino de outrora. Como “Filho do Fogo”, o homem original estava ligado ao Espírito. Até hoje permanece nele uma lembrança de sua relação com o fogo.

O fogo sempre exerceu grande fascinação sobre o homem. Não há criança ou adulto que, diante do espetáculo de um fogo crepitante, não se deixe levar pelo devaneio ou pela meditação; e assim que as labaredas devoram a madeira, realizando seu trabalho destruidor, que as fagulhas volteiam para lá e para cá e um duro pedaço de madeira parece aniquilar-se, o espectador é testemunha de um processo irreversível. O que até agora lhe havia parecido ser bem real, sólido e robusto desaparece sob a forma de um clarão luminoso e de um forte calor. O amontoado de cinzas que resta perdeu todas as características da madeira.

O fogo mudou a natureza própria da lenha. Ele reduziu a substância orgânica a pura energia, separando a matéria da substância etérea, o que estava vivo do morto, o alterável do inalterável. O que morreu ficou em cinzas, e o calor transmutou o restante em um estado completamente diferente que nós sequer podemos imaginar. Não podemos encontrar o que constituía a essência da madeira na atmosfera. Onde ela está? Nós já não a encontramos.

É isso o que nos fascina no fogo: ele nos mostra como a matéria se transforma em energia. Ele nos dá a imagem daquilo que deve acontecer conosco: nosso estado momentâneo deve ser absorvido por uma realidade totalmente diferente, onde, de fato, nossa personalidade terrestre inteira desaparece por completo. O fogo opera uma mudança de estado definitivo, que os herméticos designam por “transfiguração”. É por isso que se diz: “Deus é um fogo devorador”.

**A DESCOBERTA DO FOGO** A história da humanidade, no nosso mundo conhecido, está estreitamente ligada à natureza do fogo. Há aproximadamente um milhão e meio de anos os primeiros homens aprenderam a fazer fogo e a servir-se dele, o que inaugurou um novo período da civilização. O fogo deu ao homem poder sobre a natureza. Ele o utilizava para afastar animais selvagens, cozinhar suas refeições e ter à sua disposição luz e calor. Mais tarde ele aprendeu a abusar do fogo para subjugar outros homens – inventando todo tipo de armas de fogo para destruir e causar morte. Ele acabou por aprender a liberar o fogo atômico confinado na matéria para ganhar mais energia e também para destruir e causar mortes. O fogo atômico é a energia ígnea mais íntima da matéria – no sentido espiritual, é o fogo que jorra das trevas, o fogo infernal da natureza mortal.

**O FOGO MÁGICO** O fogo, desde a aurora dos tempos, tem também um significado mágico. Um mito grego conta como o titã Prometeu deu aos homens o dom do fogo. Ele o roubou de Zeus, o pai dos deuses, que ficou tão irritado por ter perdido um bem tão valioso que acorrentou Prometeu ao topo de uma montanha, e todo dia uma águia vinha devorar-lhe o fígado. Mas Prometeu é imortal. Ele é também um símbolo do fogo do pensamento. Não era somente na Grécia que circulavam lendas sobre o fogo e a veneração com que os homens o cercavam. O fogo aparecia sempre ligado ao mundo divino, motivo pelo qual as lendas tratavam às vezes de um roubo do fogo pelo homem, às vezes de um dom outorgado ao homem.

# Nos antigos textos dos Vedas, o fogo elétrico é chamado “pavaka” ou “o purificador”

O fogo era guardado e protegido em determinado lugar. Mais tarde, ele foi aceso nos templos e era mantido pelos sacerdotes. Oferendas eram feitas ao fogo, que eram queimadas, pois acreditava-se que os deuses eram alimentados pela fumaça que subia. Ainda hoje há rituais em que se acendem velas e se queimam essências aromáticas para fazer penetrar na atmosfera energias que, de outra forma, ficariam escondidas pelo véu da matéria grosseira. O fogo purifica a atmosfera, e mediante seu calor, eleva sua vibração, tornando-a mais receptiva.

Para Hermes Trismegisto, o fogo é “o mais rápido de todos os elementos”. De fato, hoje sabemos pela teoria mecânica do calor que uma elevação da temperatura de uma substância causa o aumento da velocidade média de agitação de suas moléculas. Você já viu uma miragem num dia de verão muito quente? Trata-se também de uma ação do fogo sobre a atmosfera, cujas vibrações se aceleram devido à temperatura elevada.

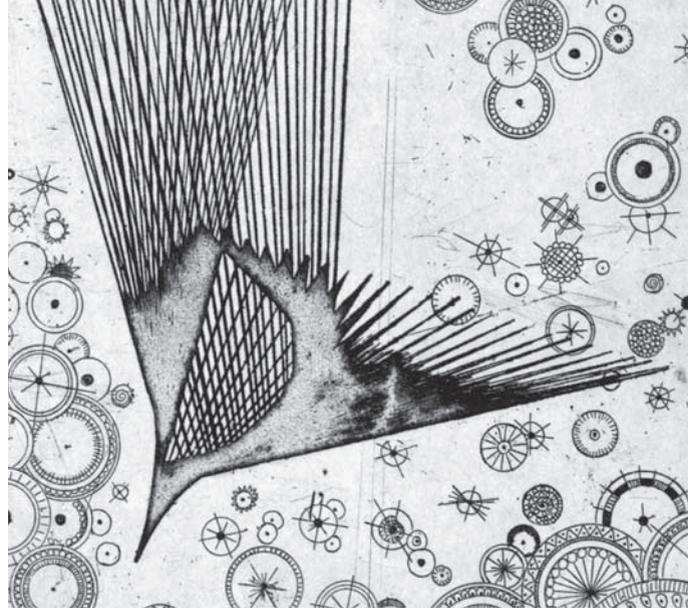
**O FOGO NO CORPO FÍSICO** Ao estudarmos o fogo exterior, tornamo-nos cada vez mais conscientes de que nossa existência está condicionada pelo fogo. O calor do sangue, os processos metabólicos e a própria vida dependem de sua atividade. É o fogo da matéria que mantém nosso corpo vivo no mundo material até o momento em que a morte apaga a flama. Ele queima na coluna vertebral do homem material sob a forma do “fogo serpentina” e dos centros de energia chamados chacras.

**O FOGO ASTRAL** A própria vida de sentimentos é comparável a um processo de combustão. Somos

“inteiramente fogo e chama” quando amamos; e se nos “inflamamos de cólera” podemos assim alimentar “o fogo do ódio”. No plano astral, no domínio dos sentimentos, um fogo poderoso chameja ardentemente no sangue, o que torna as coisas cada vez mais difíceis, porque freqüentemente é impossível impedir que ele nos impulse a propósitos e gestos impensados que podem causar ferimentos candentes em outros. O fogo das paixões inflama o sangue, “cozinha-o” literalmente, e sucumbimos a ele, esgotados. Todos esses fogos consomem nossa força vital até esgotar nossas reservas de energia. Então a alma natural, o princípio astral de nossa natureza comum, deixa o corpo e se volatiliza com o correr do tempo.

**O FOGO DOMINADOR** Uma coisa é certa: o ser humano não é mestre desses fogos; ao contrário, são os fogos materiais e astrais que o dominam e o pressionam. Um fogo ardente habita também nos átomos. Os cientistas atômicos encarregam-se sempre de tornar o fogo atômico “utilizável”, e isso à custa de inumeráveis problemas que, por sua vez, são insolúveis. A energia radioativa liberada pela fissão atômica e a vida são, no final, inconciliáveis.

**O FOGO ELÉTRICO** O pensamento do homem também está fundamentado em processos de natureza ígnea. No cérebro há inúmeras vias e neurônios ligados por sinapses entre os quais se descarregam impulsos elétricos. O pensamento, do ponto de vista material, é um processo elétrico, e a eletricidade é uma forma de fogo. Uma única faísca elétrica é suficiente para desencadear um processo de combustão. E todos já puderam observar uma tempestade em



que enormes forças elétricas se descarregam entre o céu e a terra, cargas capazes de por fogo em árvores e casas. Nos textos antigos dos Vedas, o fogo elétrico é chamado “Pavaka” ou “purificador”.

A eletricidade é a forma mais elevada do fogo na natureza. É também uma representação do fogo do Espírito de Deus, que o homem não saberia suportar nem mesmo por uma fração de segundo. O que aconteceria se um ser humano tivesse que defrontar-se com o Espírito de Deus? Ele seria consumido como em um clarão.

**O FOGO DO ESPÍRITO NO HOMEM** Entretanto, o sistema humano dispõe de um meio para receber e reter o fogo do Espírito, pois existem muitos tipos de fogo que não têm nenhuma relação com o fogo da natureza mortal. Por que os seres humanos são fascinados pelo fogo desde tempos imemoriais? Por que eles o adoram e tentam penetrar seu mistério? E por que, por outro lado, o fogo infernal da matéria atormenta-os tão fortemente que eles estão mergulhados na paixão, no ódio e na violência? Porque em sua essência o núcleo íntimo do ser humano é um princípio do fogo que não se origina do mundo mortal. O fogo espiritual de outra e mais elevada forma de existência está escondido no íntimo de nosso ser, que é, por fim, a força que nunca nos deixa descansar neste mundo. O homem divino original é um “filho do fogo”.

Jacob Boehme compara a um lampejo o fogo do Espírito em seu livro *Aurora nascente*: “Agora, observe bem: quando o lampejo nasce no centro, o nascimento divino está em plena realização. Em Deus é sempre e eternamente assim, mas não em nós, pobres

crianças da carne. Nesta vida, o nascimento divino triunfante em nós só dura o tempo de um lampejo, motivo pelo qual nosso conhecimento é fragmentado, ao passo que em Deus o lampejo é sempre permanente, imutável e eterno”.

Esse princípio de fogo que aparece por lampejos e reside no coração exige de nós uma mudança profunda. Ele quer que entreguemos nosso ser mortal para podermos atrair o ser imortal; quer que dirijamos nossa vida para a luz do Espírito, que não está em sua casa no mundo material e quer voltar para o mundo da imortalidade. Ele deseja que toda nossa atenção seja dedicada à luz que emana do mundo do Espírito para nos atrair.

**O FOGO DE CRISTO** Esse desejo – o desejo pelo Espírito – é a forma mais elevada de ardente aspiração que podemos experimentar nesta vida. Se oferecemos espaço a esse ardente desejo, aparece então a forma da nova alma, a alma imortal, cuja qualidade assemelha-se à do fogo do sol. Esse fogo confere luz e vida a tudo que vive. Ele é a encarnação do amor universal, também chamado Cristo, o espírito solar.

**A ÚLTIMA METAMORFOSE** A alma nova, cuja própria essência é o amor, é enfim reconhecida por seu “noivo alquímico”, o Espírito do ser original. Seu fogo elétrico liga-se à alma, como um lampejo, pelo fogo serpentino da coluna vertebral, para uma última metamorfose – a transfiguração definitiva, irreversível. Essa última metamorfose não deixa cinza alguma. É dito que o túmulo de cada grande iniciado foi encontrado vazio, ou que eles desapareceram de maneira inexplicável ✨

# fogo, água, amor

Atualmente, os astrofísicos observam no universo a existência de temperaturas extremas: calores elevados ao lado de frios inimagináveis. O elemento fogo é centrífugo, o frio é centrípeto. Pelo fogo, o universo está em expansão, pelo frio ele está em contração. O frio provoca a petrificação, a cristalização. São as duas forças gêmeas que atuam em nosso campo de vida.

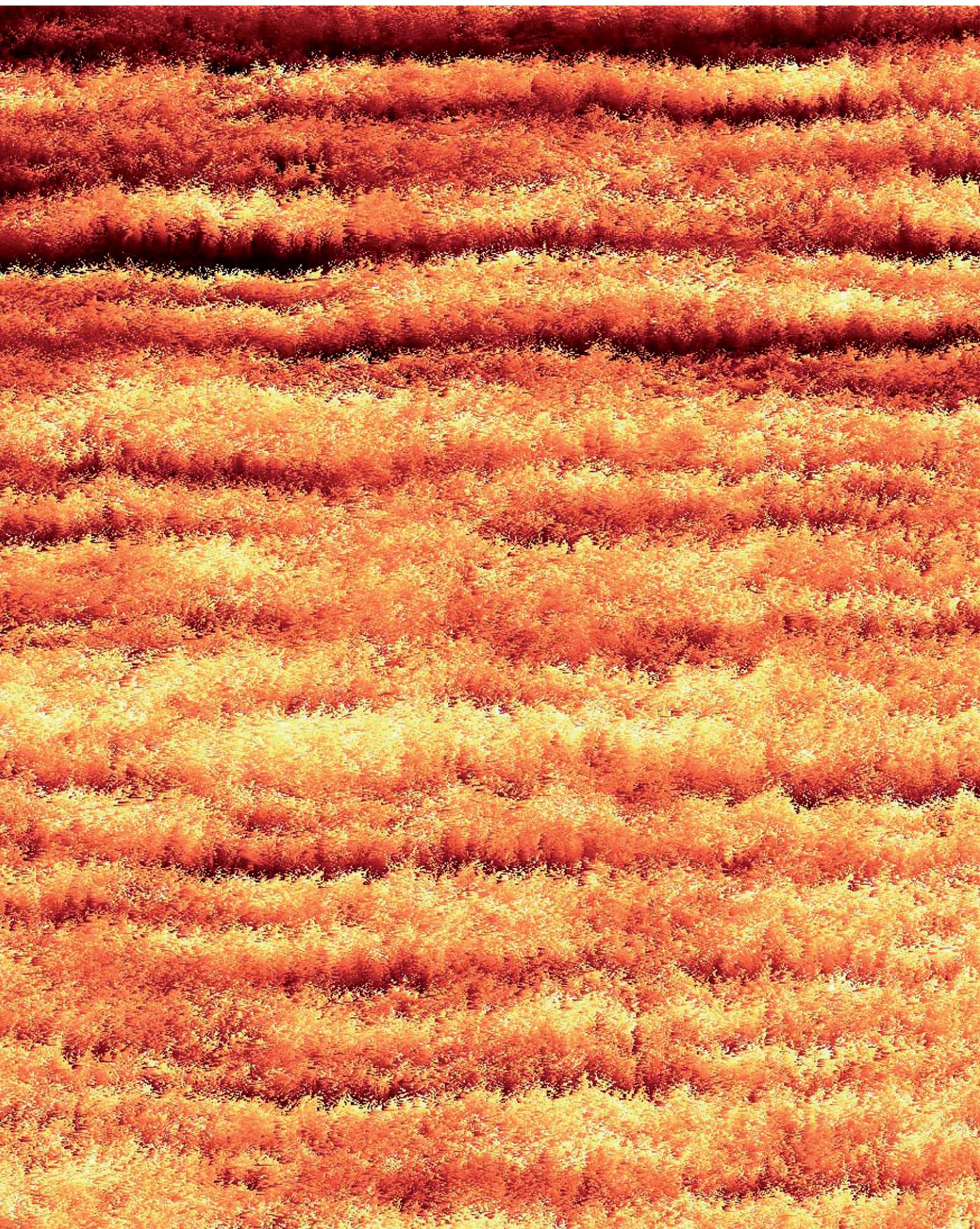
**O** AMOR Viver significa pensar, sentir, desejar, querer, esperar, alegrar-se, sofrer, experimentar dor. A vida resume-se a buscar o amor e a experimentá-lo. O amor é a força que cria uma ligação entre dois seres, uma relação entre um homem e uma mulher. Mas ele é também muito mais do que isso. É a força superior à fé e à esperança. É uma energia universal e divina que faz a ligação entre dois pólos opostos, reúne-os e impulsiona-os. O amor é a força central à qual todos os seres são religados individualmente e pela qual são tocados e guiados durante a vida. Ele estimula a vida física dos seres e os leva a entrar em relação com um nível superior do ser. Essa força vai do mais baixo até o mais alto. Ela inicia no corpo do homem e, através da alma, conduz ao espírito e à união com Deus.

**A VIDA ENTRE QUENTE E FRIO** A vida terrestre resulta de dois centros de força: positivo, quente, fogueiro de um lado; negativo, frio, aquoso do outro. Observamos um campo de tensão entre os dois pólos, entre o feminino, receptor, e o masculino, criador. A vida é experimentada nessa dinâmica. De um lado, a energia criadora manifesta-se pela ação; de outro, a receptividade gera a inspiração à calma e à contemplação. A vida situa-se numa linha horizontal e traz a cada extremidade uma das duas forças. Isso significa uma ligação material com a terra por meio do corpo físico. Fisicamente, somos divididos em raças e separados em dois sexos. Mas em nós acontecem processos onde os dois aspectos, o positivo e o negativo, estão ativos.

A doutrina universal explica que o sistema humano é composto de quatro corpos diferentemente polarizados: dois desses corpos são emissores, irradiadores, e dois são receptivos. Para os dois sexos, positivo quer dizer dinamizador, criativo e fecundo; e negativo quer dizer receptivo e revelador.

**A POLARIZAÇÃO DA MULHER** Onde se situa, na mulher, a polaridade positiva, irradiadora e criativa? Em quê ela representa o pólo negativo, receptor e realizador? A polarização negativa concerne a seu corpo físico, como mostra o fato de ela dar à luz uma criança. Encontra-se também em seu corpo astral, que a dota de grande receptividade aos sentimentos, impulsos sensoriais e influências astrais, enquanto o homem é mais calmo e administrador no vasto domínio dos sentimentos humanos. A mulher pode emitir potentes impulsos mentais que são recebidos e levados à realização pelo homem. O corpo etérico (ou corpo vital) feminino tem uma polarização positiva, ele é, portanto, dinamizador e energizador. A mulher exerce influência na esfera vital, ela estrutura o espaço, cria a energia da qual se beneficiam as pessoas à sua volta.

**A POLARIZAÇÃO DO HOMEM** O que é irradiador no homem? Em quê ele é receptivo e realizador? Seu corpo físico está polarizado positivamente: ele cria, atesta e emite; ele é dinâmico e produz força. Seu corpo astral (ou corpo de desejos) tem também uma polarização positiva. Ele emite com mais facilidade os desejos e sentimentos do que é capaz de recebê-los. Seu corpo etérico está polarizado



# Como são unidos os dois sexos? Cada um entre os dois pólos, em todos os níveis

negativamente do mesmo modo que sua mente, aberta às influências e apta a captar idéias.

**A COMBINAÇÃO** Nesse jogo de forças opostas, vemos a correspondência entre os dois sexos. Sua influência recíproca funciona sobretudo no plano atmosférico. Cada um está submetido a essas correlações, a essas ligações, individual e coletivamente. Dar e receber. Tudo está ligado a tudo. Um intercâmbio intenso das energias entre os dois pólos acontece em todos os níveis; uma poderosa concentração de forças em forma de esfera. Esse conjunto, no entanto, não é perfeito: ele é como um globo em equilíbrio instável girando sobre seu eixo ora para a esquerda, ora para a direita, pois falta-lhe a força de coesão, o fio que retém as pequenas esferas como as pérolas de um colar. Mesmo se um homem decide, após madura reflexão, experimentar uma relação, ele irá sempre sofrer uma falta. Uma inquietação interior, um desequilíbrio, lança a suspeita de que ele continua à procura de uma ligação harmoniosa entre os dois pólos, nos diferentes níveis. A grande força de coesão é o amor universal que segue o gigantesco plano da criação: essa energia dinâmica, criativa, latente, começa a se manifestar no coração, o centro de todo o ser, e o processo se inicia pela experiência pessoal física de ser homem ou mulher.

**A CORRENTE DE ENERGIA VERTICAL** O início desse contato ocorre no corpo e no tempo do



campo de vida material. Criação e recepção, no plano de vida físico, são o reflexo do processo que se efetua no corpo, na alma e no espírito. Esses três níveis de manifestação devem sustentar-se mútua e conscientemente. Corpo, alma e espírito conhecem, cada um, sua própria manifestação, apesar de uma estreita ligação e de trocas intensas entre si. Eles não existem

um sente as “afinidades”, há uma intensa troca de energia



uns sem os outros. Podemos representar uma linha de oscilação na qual acontece recepção e criação, dar e receber. Outro sentido do movimento torna-se perceptível na ligação com o plano terrestre; ele se orienta em direção a algo completamente diferente. No plano superior, o Espírito é o princípio de fogo que transfere à alma aberta sua energia criativa. A alma é ao

mesmo tempo o receptáculo da força ígnea e a matriz do corpo. A personalidade, que é parte do corpo, utiliza essa energia em colaboração contínua e permanente.

*Espírito*

*Espírito criador – fogo*

*Alma receptiva – água*

*Corpo receptivo – água*

*Corpo criador – fogo*

*Ação*

**A CRUZ E O NASCIMENTO** Esses dois movimentos formam uma cruz: a haste horizontal do movimento do mundo é cruzada pela haste vertical provinda da energia espiritual. A haste vertical é a efusão do poder Espírito Santo, um poder que se derrama como uma revelação nos níveis de corpo, alma e espírito.

Uma pergunta surge: o que faz o homem dessa força? Temos consciência dela, e, se temos, como reagimos a ela? Estamos prontos a erguer a cruz? Nosso ser corresponde à haste horizontal; a corrente de amor universal é simbolizada pela haste vertical da cruz. Desenvolvemos uma receptividade à energia elevadíssima que chega até nós? Por não reagirmos a ela, acabamos não nos tornando uma coluna vivente e possuímos somente um resquício de energia sem facilidade regeneradora. Estamos mergulhados num sono de morte; tocados, é claro, mas inertes. Sem uma consciência receptiva e sem espaço de criação, somos sementes enterradas, com todas as informações do crescimento da planta, mas



privadas de água e luz, fechadas dentro de uma casca dura. E nada acontece. Quando orientamos nossa consciência para a cruz, sua energia torna-se disponível para nós. Segue-se um ato criador. Mas se, mesmo aí, nada acontece, é porque há uma barreira provocando um super-resfriamento ou um superaquecimento.

Surge outra pergunta: o que pode fazer nossa personalidade? Na nossa forma física, homem e mulher, conduzimos esses processos individualmente. Quer sejamos de um sexo ou de outro, de nossa relação com a alma, e por meio dela com o Espírito, nossa personalidade se torna “receptiva”. Nada criamos por nós mesmos. Como pesquisadores, abandonamos conscientemente nossa fixação na forma corporal externa e nos colocamos em busca do princípio supremo do qual recebemos o toque, o qual implica uma missão. O pesquisador deve transformá-lo no plano físico e exprimi-lo em ato tangível. Senão, o contato enfraquece. O ato requerido é sempre o serviço a outros seres humanos, é fazer algo por seus semelhantes com sabedoria. É apenas mediante a sabedoria que se realiza no tempo o plano da criação, a ação do homem-alma consciente. Sabemos que o corpo e o tempo têm suas leis próprias; no plano horizontal existe a morte, enquanto no plano vertical há a vida eterna. E quando a alma e o espírito se juntam e se fundem em nova unidade, o homem-alma-espírito nasce e se engaja na via vertical.

**O RETORNO** Assim como exposto no Gênesis, os querubins guardam a entrada do paraíso.

## Existe um mundo sem conflitos, sem angústia, sem trevas. Ele deve estar presente em todo lugar...

so. Adão (o espírito) e Eva (a alma) já não são admitidos nesse jardim. A forma que nos resta deles, o ser humano, não pode retornar ao estado paradisíaco, da mesma forma que não podemos viver numa atmosfera diferente da nossa. Juntos, Adão e Eva representam os seres humanos originais, não submetidos à divisão dos dois pólos, o bem e o mal, o dia e a noite etc. A fim de encontrar esse estado original, é preciso que nossa alma e sobretudo nosso espírito encontrem outra vez o caminho de sua verdadeira evolução de acordo com sua origem, passando por seu estado presente e projetando seu estado futuro: Cristo, aquele que tem conhecimento do Pai de todas as coisas; Cristo, a nova atmosfera em nós, a ação do amor de Deus em nós. Precisamos reconhecer que Deus age em nós mediante seu amor e nos dá o poder de seguir o caminho de retorno a ele. É então que o calor ardente do nosso “eu” egocêntrico cede, e Cristo, o doce fogo acalentador da alma, a luz da consolação, se faz sentir em torno de nós: é assim que verdadeiramente se “serve” ao próximo. A força receptiva e a força criativa uniram-se. Em nós, a força do fogo fez nascer essa nova unidade, “o filho de Deus”. E a criança divina acha abertas as portas da cidade, assim como está escrito no final do Apocalipse de João: “E as suas portas não se fecharão de dia, porque ali não haverá noite. E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro” ✨

Fonte:

Rijckenborgh, J. v. *A arquignosis egípcia*, v.2. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1986.

# a arte do ceramista



## DESPERTAR DO ESPÍRITO E METAMORFOSE DA ALMA

O nascimento da nova alma é um segredo vital, especialmente entre os alquimistas. Nos séculos oitavo e nono conhecia-se ainda o significado secreto da Alquimia. A ciência da transformação interior era praticada de acordo com as leis da Alquimia pelos buscadores, que viviam em retiros. Nos manuscritos antigos a Alquimia é comparada muito freqüentemente com os textos dos Evangelhos. Alguns deles atestam que os relatos dos Evangelhos referem-se à transformação interior e não a um relato histórico. E é precisamente isso que os mitos dos Evangelhos atestam!

**D**urante experimentos alquímicos os pesquisadores observaram que mudanças da matéria eram devidas ao fogo e coincidiavam com mudanças essenciais. Observando o funcionamento do fogo eles obtiveram muito conhecimento sobre as mudanças que ocorriam em si mesmos. A aplicação desse conhecimento também pode ser observada na refinada arte da cerâmica: um pote pode apresentar, mediante reações químicas durante a queima, lindas cores, que, de modo alquímico, podem ser comparadas às fases de transformação interna.

As histórias dos Evangelhos apresentam três aspectos:

1. o nascimento de João Batista e sua vida
2. o nascimento de Jesus e sua vida
3. o nascimento de Cristo, sua vida, e sua paixão.

João batiza pela água. Ele é o último dos profetas e anuncia a vinda “daquele de quem não é digno de desatar as sandálias”. “João” é um termo que significa “água”. Jesus é batizado por João no Jordão. Em seguida o Espírito desce sobre Jesus sob a forma de uma pomba e batiza-o pelo fogo: nesse momento Cristo se liga ao homem Jesus. Os apóstolos são batizados pelo fogo no dia de Pentecostes e adquirem o poder “de falar em línguas”. Cristo é aquele que é batizado pelo óleo, ou pelo fogo.

A arte do ceramista começa pela escolha de uma argila pura. Em seguida, ele mistura a argila com água para umedecê-la e torná-la maleável. Da

porção de barro molhado colocada sobre a base giratória ele forma um vaso. O vaso de argila é o símbolo do homem natural, como a Bíblia mostra abundantemente. A terra do vaso pode conter ouro: o vaso então será dedicado a um uso sagrado. Os vasos sagrados são cozidos de maneira especial, e as sete cores irradiadas pelo ouro e metais nobres aparecem em sua superfície. Os vasos sagrados são então postos em honra de Deus no templo. Deus é comparado aqui com um ceramista. O ceramista não conhece o resultado da ação alquímica do fogo, mas, como bom artesão, de antemão sabe como o vaso que fabrica será utilizado. A argila dos vasos destinados a honrar Deus é escolhida com cuidado e pode-se

por diversos caminhos. A argila da personalidade gradualmente é afastada do seu solo terrestre. O ceramista escolheu-a e extraiu-a do solo com cuidado. Em seguida, vem o momento em que a argila é misturada com água e torna-se úmida. Esse momento representa o primeiro contato com um ensinamento espiritual. Muito na vida do buscador é posto de cabeça para baixo, todos os valores são perturbados. Surgem relações completamente novas com as coisas e as pessoas, uma experiência da qual ele se recordará por toda a vida. O buscador que aceita essa reviravolta e que ainda não está muito cristalizado redescobre uma nova juventude, um novo entusiasmo, um novo objetivo na vida. Ele

## De nossa relação com a alma e por meio dela com o Espírito nossa personalidade se torna “receptiva”. Nada criamos por nós mesmos

dizer que um buscador que se aproxima de uma escola espiritual não é um ser comum, mas uma personalidade “escolhida com cuidado”.

Um caminho apresenta-se a quem procura algo além do que oferece o mundo comum. Ele já não se satisfaz com o que lhe dizem, com as cores comuns do mundo, com os divertimentos comuns, mas está em busca de “algo mais”. Ele é o que chamamos de um “buscador”. Através de muitas experiências, o buscador é conduzido

emprende um caminho espiritual, na prática da doutrina: a argila tornada maleável é posta sobre a base giratória.

Essa doutrina, em todo caso, emana sempre de um raio da luz universal. Ela pode chegar diretamente dos grandes iniciados da luz, como Jesus, Krishna, Buda, ou de um homem que proclamou essa doutrina e já formou uma fraternidade. A base giratória é colocada em movimento, a argila é preparada e transformada pelos dedos do ceramista. Pouco a pouco o homem se torna um

*Os sete raios mediante os quais a alma desperta trabalha no mundo são:*

- 1 O anseio geral, a busca esotérica ou pessoal;*
- 2 a fé na doutrina;*
- 3 a prática da doutrina;*
- 4 a organização da vida;*
- 5 o caos, a montanha onde a forma morre;*
- 6 a escolha decisiva;*
- 7 a magia gnóstica*

aluno. Ele toma o ensinamento como modelo e esforça-se por adequar sua vida à doutrina. É o batismo pela água, a iniciação pela água, porque o buscador reage de maneira passiva. Assim pode-se ver um ocidental comum tornar-se um monge Zen ou um jovem coreano seguir os ensinamentos de Victor Hugo, ou a doutrina de uma Fraternidade dos Andes da América do Sul ser posta em prática em uma cidade grande como Paris ou Amsterdã.

O candidato à iniciação nesse estado é maleável; ele está conectado com o poder da eternidade, o átrio do templo de iniciação, que torna tudo isso possível. Uma preparação é necessária para que a argila possa suportar a etapa seguinte do caminho. O buscador compromete-se resolutamente

com o caminho, com toda sua devoção, com a fé que torna tudo possível e tudo transforma. Não dizemos que “a fé pode transpor montanhas”? Pois essa é a fase da descoberta, de integrar um grupo, a fase da devoção. É a fase do homem-João. João é o homem nascido desta natureza, mas que decide percorrer o caminho da grande libertação e aceitar sinceramente todas as conseqüências. Dele emana uma grande força. Pela purificação, ele liga-se outra vez à natureza fundamental e, em seguida, compartilha com outros essa força. Nada funciona melhor e impele mais à ação do que ver alguém fazer o que diz e viver o que ensina.

Contudo, o batismo pela água, o batismo de João, tem uma limitação. É o limite do estado humano, da argila da qual fomos feitos.

O estado de fé da personalidade natural pode também abrir a porta a ilusões... e desilusões. Acreditamos ter sido tocados pela luz, pelo sublime, mas os fundamentos do nosso ser não mudaram. Diante de uma situação crítica, os velhos instintos retornam, é-nos impossível manter nosso comportamento elevado.

Fracassamos perante os instintos terrenos, o desejo de segurança, a cólera, a inveja, o desejo de posse etc., e atingimos o limite do estado natural. O candidato passa por períodos de exaltação e de profunda depressão. Num momento, flutua nas nuvens, no momento seguinte está repleto de remorso e culpa. O motivo é que a personalidade nascida da natureza, a argila extraída da terra, mesmo que tenha qualidades inegáveis,

deve ainda passar pelo fogo para ter sua natureza alterada. Depois de algum tempo, o próprio candidato passa a pedir uma nova luz, uma nova compreensão, a purificação de seu ser. João purifica sua consciência, seu corpo de desejos, e coloca-os em harmonia com a natureza divina.

Ao mesmo tempo Jesus põe-se em movimento, e não poderia ser diferente, pois em determinado momento ele encontra João. Mas este encontro ocorre de maneira completamente inesperada. Ao mesmo tempo que o candidato chama a luz e é transformado por ela, a luz submete-se a ele

personalidade “de argila” do homem comum. Mas logo que o homem-João realiza sua missão, ele desaparece e torna-se uno com o homem-Jesus.

Jesus aceita seu caminho de cruz para purificar o carma na pessoa do homem-João e transformar inteiramente sua personalidade.

O divino integra-se na natureza, e a chama divina transforma completamente a argila da personalidade.

E isso é colocar o vaso de argila no fogo.

Uma vibração de outra natureza intervém con-

## A flama incendeia-se e queima, o fogo ativa-se até o momento em que o vaso de argila começa a tornar-se vermelho e a brilhar com uma irradiante luz branca

e pede para ser transformada por ele. Não é João que é batizado por Jesus, mas Jesus que mergulha inteiramente na água para ser batizado por João.

Por que?

Todas as Fraternidades gnósticas declaram que Jesus Cristo era apenas uma imagem, e que a sua morte na cruz é, portanto, impossível. Com isso, elas querem dizer que Jesus Cristo não era um ser nascido da natureza e que não possuía uma

cretamente na vida.

Uma auto-iniciação, não mediante um ritual, mas mediante o desejo de cada momento: “Cria em mim um coração puro, ó Senhor!”

João, o homem mais perfeito desta natureza, diminui para que Jesus, que se tornou um com ele, cresça. A alma passa pela primeira vez pelo fogo. Ela descobre que é sua própria visão estreita que a impede de avançar. A chama arde e se eleva, o fogo é poderosamente ativado, até que o vaso de argila

## Os rosacruz e o fogo

É por isso que quando lemos nos livros sagrados que Deus é o fogo vivente, isso não significa que o fogo é idêntico a Deus, mas que Deus, o Logos, se manifesta no fogo. Ele se manifesta pelo fogo, assim com em e pelos outros elementos.

Se, ontem ou hoje, o adorador do fogo se aproxima de um fogo sagrado, ele não é um pagão, mas alguém que dá prova de certo conhecimento da ciência divina.

Quando um rosacruz se aproxima do fogo secreto, como Moisés da sarça ardente divina, ele descobre o fundamento da linguagem sagrada e se junta aos filósofos do fogo, porque aprendeu do Espírito Santo onde se colocar e para onde ir.

O que aconteceu com Moisés? Ele se aproximou da sarça ardente, a força etérica divina que havia descido. E se prostrando assim diante dela, face a face, suas irresoluções e seu medo foram suprimidos.

Não havia ele no princípio se esquivado do chamado superior que o havia tocado? Ele devia conduzir o rebanho que lhe havia sido confiado para fora do mundo dialético, para a terra prometida; e então, após muita reflexão, ele terminou por completar sua grande tarefa. Ele se tornou “a nuvem que precede o Senhor” [...]

O fogo sagrado se eleva da substancia etérica que não é desta natureza, ele não se consome, ao contrário, ele leva aquele que o percebe interiormente a sua ressurreição na nova vida da luz.

Catharose de Petri, Os rosacruz e o fogo, em *Nieuw Religieuze Oriëntering* (Nova orientação religiosa), maio de 1948.

se torna vermelho e, em seguida, irradia uma brilhante luz branca.

A consciência comum não pode manter-se nesse braseiro, e o momento da escolha decisiva aproxima-se: permanecer no fogo e mudar, abandonando completamente o eu, ou recusar o fogo. A argila dos que recusam seu destino no fogo

é devolvida aos elementos naturais. Entretanto, ela guarda o vestígio da sua passagem pelo fogo, mediante o qual a personalidade poderá ser purificada em uma nova oportunidade.

Somente quando a consciência natural aceita já não ocupar o primeiro lugar, quando a alma entrega-se nas mãos de Deus, a voz da nova consciência principia a falar. É a grande metamorfose da alma.

Além da voz da doutrina, a voz da alma torna-se imediatamente audível. Uma consciência luminosa transpassa de luz tudo de que se aproxima. A fase alquímica desenrola-se.

Não podemos falar dela com detalhes, pois ela é diferente para cada um. Mas podemos dizer que o forno é fechado gradualmente, e todo o oxigênio que ele contém é queimado. A temperatura aumenta. O processo de oxidação provoca mudanças, e as cores aparecem no vaso pela transformação dos sais metálicos da argila.

O vaso veste-se de cores vivas. Fala-se “da veste de luz da alma” ou “a alma que tece seu manto áureo”.

De homem-Jesus, o candidato torna-se Cristo. A radiação fundamental branca divide-se, e as sete cores radiantes do arco-íris brilham. O candidato então é chamado de “mestre da pedra”. O vaso está pronto para ser retirado do forno, e pode-se dizer ao candidato, ao aluno de uma Escola Espiritual: “Permaneça junto ao vaso para tornar suas cores perceptíveis” ✪

# A criação segundo os Hopis

Os Hopis representam o que resta de certo povo nativo que vivia no estado do Novo México e no nordeste do Arizona. Trata-se do grupo mais ocidental dos índios pueblos. Seu mito da criação trata do aniquilamento e retorno eternos, que durarão até que os homens-formigas compreendam, por eles mesmos, o que o criador previu para eles. Os Hopis denominam o espaço infinito, de onde tudo provém, de Tokpela.

**T**OKPELA – O PRIMEIRO MUNDO Não havia nem princípio, nem fim, nem tempo, nem forma, nem vida. Somente um “nada” imenso que, no espírito de Taiowa, possuía princípio e fim, tempo, forma e vida. No interior, se é que se pode falar do “interior” de um nada, o criador original, Taiowa, iniciou seu trabalho. Os Hopis denominam o primeiro de todos os mundos “Tokpela”, espaço infinito. Ele, o infinito, imaginou o finito e a vida. Ele queria manifestá-la e criou primeiro Sotuknang, e disse-lhe: “És a primeira força e criei-te como pessoa e instrumento para realizar meu plano que é manifestar a vida no espaço infinito. Sou teu tio, és meu sobrinho. Vai agora e forma os cosmos para que eles cooperem harmoniosamente segundo meu plano.”

Sotuknang agiu como lhe fora ordenado e retirou do espaço infinito o que estava destinado a tornar-se matéria, forma, e o ordenou em nove reinos universais: um para Taiowa, um para si próprio, e sete universos para a vida por vir. Com o consentimento de Taiowa, Sotuknang criou a água e, em seguida, o ar e o vento. Taiowa disse então: “Mas teu trabalho ainda não está terminado. Agora debes criar a vida e o seu movimento, e assim terminar completamente as quatro partes, Tuwaqachi, do meu plano universal.”

Assim, Sotuknang pôs-se a fazer o que, no universo, estava destinado a tornar-se o primeiro mundo, Tokpela. E criou aquela que permaneceria sobre esta terra para tornar-se sua colaboradora. Chamada Kokyangwuti, a mulher aranha

despertou e indagou quem ela era e porque se encontrava ali. Sotuknang respondeu:

“Olha ao redor de ti. Eis a terra que criamos. Ela possui forma e massa, orientação e tempo, início e fim. Mas ainda não há vida. Não se vê movimento feliz. Não se ouve barulho feliz. O que é a vida sem movimento nem ruído? Por isso foite concedido o poder de nos ajudar a criar essa vida. Recebeste o conhecimento, a sabedoria e o amor para que abençoes todos os seres que criaras. Esta é a razão de te encontrares aqui.”

A mulher, então, misturou um pouco de terra com saliva, formou duas criaturas e as envolveu com o manto branco da sabedoria, enquanto entoava o Hino da Criação. Os gêmeos despertaram e perguntaram quem eram e por que se encontravam ali. A mulher os chamou de Pöqanghoya e Palöngawhoya. Eles receberam a tarefa de manter o mundo equilibrado quando a vida fosse enviada sobre a terra. Pöqanghoya deu a volta ao mundo e, com suas mãos, amassou a terra para que ela se densificasse. Palöngawhoya deu a volta ao mundo e fez nascer o barulho ouvido na terra inteira. Essa é a origem do eco, pois todos os sons são reflexos do criador. Tendo cumprido suas tarefas, Pöqanghoya foi enviado ao pólo norte do eixo da terra e Palöngawhoya ao pólo sul, onde receberam juntos a ordem de fazer girar o mundo da justa maneira. Pöqanghoya recebeu, além disso, o poder de manter de maneira estável a densificação da terra. Por sua vez, Palöngawhoya recebeu o poder de manter o ar num movimento tranquilo. E recebeu também a ordem de fazer ressoar, pelos centros





## O hino da criação

A sombria luz púrpura eleva-se ao norte,  
A luz amarela eleva-se ao leste  
E nascemos plantas da terra  
Para receber uma longa vida de felicidade  
Chamamo-nos donzelas borboletas.

Homem e mulher, juntos,  
orientam para leste sua oração,  
Inclinam-se com respeito ao sol do Criador  
O som dos sinos preenche o ar  
A alegria ressoa pela terra inteira  
Humildemente peço a meu pai,  
O perfeito, Taiowa, nosso pai,  
O perfeito que criou a vida tão bela,  
Que nos mostre a luz dourada,  
Que nos dê a luz perfeita.

O perfeito revelou-nos seu plano,  
Atribui-nos um longo lapso de tempo.  
Criou os cantos que alegram a vida.  
No caminho da felicidade,  
nós, donzelas borboletas,  
Realizemos seus desejos  
cumprimentando nosso pai, o sol.

Os cantos refletem a alegria do Criador  
Da terra, nós os repetimos  
até diante de seu trono.  
E quando surge a luz dourada,  
O eco muito feliz se repete e repete,  
Soa e ressoa para os tempos próximos.

vibratórios da terra, seu chamado para incitar ao bem ou para enviar advertências.

Para os Hopis, o corpo da terra e o do homem têm uma estrutura similar. É por isso que reconhecem que há centros vibratórios ao longo do eixo da terra e também ao longo do eixo do homem. Estes correspondem aos chacras, ainda que apenas cinco sejam reconhecidos: o chacra coronário e os chacras frontal, laríngeo, cardíaco e umbilical (ou do plexo solar).

Em seguida, da terra a mulher criou árvores, arbustos, flores, todas as plantas portadoras de sementes e frutos, com os quais ela revestiu o mundo. Da mesma maneira, ela criou todas as espécies de pássaros e de animais, envolveu-as com seu manto branco e entoou o Hino da Criação.

Sotuknang ficou feliz ao ver a beleza de tudo aquilo – a terra, as plantas, os pássaros, os animais e a força ativa através de cada um deles. Pleno de alegria, disse a Taiowa: “Vem ver como é nosso mundo agora!” – “É magnífico”, disse Taiowa, “ele agora está pronto para receber a vida humana, o último passo para tornar o meu plano completo.”

**A CRIAÇÃO DA HUMANIDADE** A mulher tomou a terra composta de quatro cores: amarelo, vermelho, branco e preto. Ela teceu quatro seres humanos à imagem de Sotuknang, o homem. Depois, teceu quatro seres humanos à sua imagem, a mulher.

Esses seres humanos seguiram uma evolução comparável ao nascer do sol, que se inicia pela

## “Com isso, eu vos dei esse mundo para que nele vivais e sejais felizes”

sombria cor púrpura da primeira de todas as auroras. Quando a mulher, após ter cantado o Hino da Criação sobre as formas por ela modeladas, retirou o manto branco que as recobria, elas vieram à vida. A cor púrpura transformou-se em luz amarela.

Nesse momento o homem ainda se encontrava cercado de bruma, e o sopro da vida penetrou-o através de um ponto tenro situado no alto de seu crânio. A bruma desapareceu quando o sol se ergueu no horizonte e endureceu o ponto tenro do crânio. E o homem completamente formado viu o orgulho no rosto do seu inventor. “Eis o sol”, disse a mulher, “Vós encontrais vosso Pai, o Criador, pela primeira vez. Deveis sempre guardar na memória as três fases da vossa criação. O tempo das três luzes: a sombria cor púrpura, o amarelo e a vermelha revelação do mistério, o sopro da vida e o calor do amor. Isso faz parte do plano da criação como o Hino da Criação que vos foi cantado.”

Os primeiros homens do primeiro mundo não lhe respondiam, porque não sabiam falar. Como a mulher recebera seu poder de Sotuknang, ela o convocou graças ao eco Palöngawhoya.

Num piscar de olhos, ao som de um vento poderoso, apareceu-lhes Sotuknang. “Aqui estou. Por que necessitais de mim de maneira tão urgente?” A mulher explicou:

“Conforme me ordenastes, criei os primeiros homens. Estão bem modelados, têm a boa cor, possuem vida e movimento. Mas não sabem falar. É precisamente isso que lhes falta. Por isso quero dar-lhes a palavra e também a sabedoria

e a faculdade de reprodução, para que possam gozar de suas vidas e render graças ao Criador”. Sotuknang concedeu a palavra aos homens, cada qual uma cor de uma língua específica de acordo com as suas diferenças. Ofereceu-lhes a sabedoria e a faculdade de reproduzir-se e de multiplicar-se. E disse-lhes então: “Dei-vos este mundo para viverdes e serdes felizes. Há, contudo, uma coisa que vos peço: o respeito contínuo a vosso Criador, a sabedoria, a harmonia, bem como o respeito ao amor do vosso Criador. Crescei e jamais esqueçais disso enquanto viverdes.” Os homens povoaram, então, a terra, e viveram em paz com ela, com seus semelhantes e com os animais. Mas após certo tempo, alguns se esqueceram de honrar seu criador de acordo com o mandamento da mulher. Cada vez mais eles se serviram do seu centro vibratório vital unicamente para atingir objetivos terrestres e esqueceram que seu primeiro objetivo é realizar o plano do Criador. Até então, tinham vivido em paz com os animais, mas estes se afastaram e tornaram-se “selvagens”. Finalmente os homens chegaram ao ponto de bater-se mutuamente. Restou apenas um pequeno grupo que se recordava do mandamento da origem. Taiowa tomou a decisão de destruir o primeiro mundo, exceção feita ao grupo que permanecera fiel às suas leis. A estes, Sotuknang ordenou que se deixassem guiar pelo chacra do crânio. “Graças à sabedoria interna, podereis localizar e seguir durante o dia uma nuvem, e à noite, uma estrela. Não porteis nada convosco; vossa viagem terminará quando a nuvem e a estrela

## e rir-se-á dos que ainda cantam o Hino da Criação



cessarem de mover-se.” Por toda parte no mundo, alguns homens abandonaram então seu lar e começaram a seguir a nuvem e a estrela. Muitas pessoas interrogaram-lhes por que, mas quando falaram-lhes da nuvem e da estrela, não acreditaram, porque nada viam. Pessoas vindas dos quatro cantos do mundo reúnem-se num lugar determinado. Quando todos haviam chegado, Sotuknang apareceu e os conduziu a uma colina dentro da qual viviam os homens formigas. Para entrar, escavaram um buraco no topo, e Sotuk-

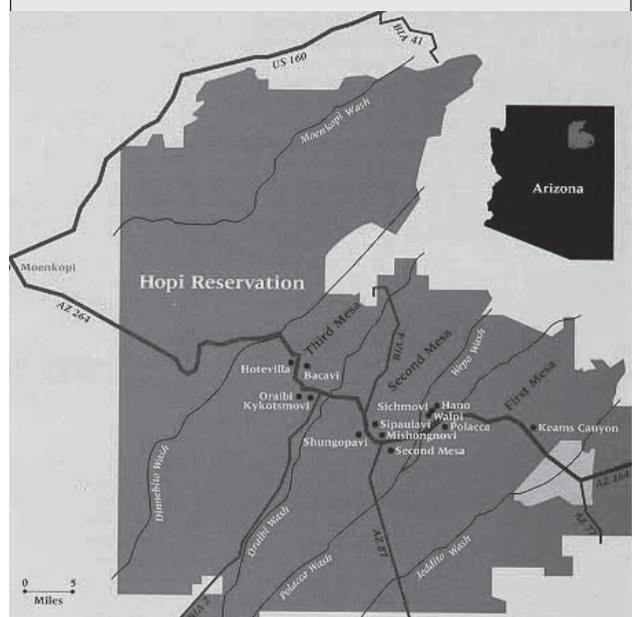
nang diz-lhes: “Entrai agora no formigueiro kiva (lugar onde vivem os Hopis) onde estareis seguros quando vier a destruição do mundo. Enquanto estiverdes aqui, quero que aprendais com os homens formigas: eles são trabalhadores, no verão recolhem alimento para o inverno. Permanecem frescos quando faz calor e quentes quando faz frio. Vivem em paz entre si. Obedecem ao plano da criação.” O fogo dos vulcões aniquilou o mundo, e assim terminou o primeiro mundo.

**TOKPA – O SEGUNDO MUNDO** A superfície da terra levou muito tempo para esfriar-se. Enquanto isso, os homens viviam felizes sob a terra apesar da escassez dos alimentos. Foi então que Sotuknang criou o segundo mundo, inteiramente diferente do primeiro. Lá onde houvera água, havia agora terra, e onde houvera terra, havia agora água. Uma vez mais Sotuknang deu ao homem a missão de viver de acordo com o plano do Criador. Outra vez os homens povoaram este mundo, e outra vez tudo terminou mal. Eles viviam separados dos animais e ocupavam-se somente de seus próprios interesses. Construíram casas, fabricaram instrumentos e passaram a fazer trocas e comércio. E foi aí que as dificuldades começaram. Tudo o que os homens necessitavam encontrava-se no segundo mundo e, no entanto, eles nunca estavam satisfeitos. Cada vez mais os Hinos de Louvor ao Criador transformaram-se em hinos de louvor a suas próprias possessões; afastaram-se da sua missão, e logo começaram a zombar dos que continuavam a cantar o Hino da Criação. Uma segunda vez, Taiowa, o criador original, e o seu sobrinho decidiram destruir o mundo, e outra vez deram abrigo aos que não tinham se desviado de sua missão junto aos homens formigas. Mais uma vez os gêmeos Pöqanghoya e Palöngawhoya não puderam realizar sua tarefa de manter o mundo em equilíbrio. O mundo pôs-se a girar a uma velocidade louca fazendo que as montanhas caíssem no mar e maremotos se abatessem sobre a terra. Resultado: a terra esfriou-se fortemente e cobriu-se inteiramente de gelo.

**HOPÍ É A ABREVIACÃO DO NOME DESTA POVO,** Hopituh Sinom, ou "os homens de Hopi". Antigamente o Hopis também eram conhecidos pelo nome de Moqui ou Moki. Os Hopis falam um dialeto da família das línguas Uto-Astecas.

Dos cerca de 18.000 Hopis que ainda existem, a maior parte vive no meio da reserva dos Navajos, divididos em onze aldeias autônomas. Vivem em habitações construídas em terraços, características dos Pueblos. Existem diferentes traduções da palavra Hopi, como: "Homens que vivem da justa maneira" ou "os pacíficos" ou ainda os homens "bons, bem-aventurados e sábios".

O pacifismo significa também a aceitação quase sem luta do destino. Eles esperavam o regresso de seu irmão branco perdido, Pahana, assim como os Mayas esperavam o Deus branco barbudo, Kukulcan, e como os Toltecas e os Astecas esperavam Quetzalcoatl.



### A narrativa da criação dos Hopis

Esta narrativa da criação é notável e compreende duas partes. A primeira descreve a criação do primeiro mundo original e a criação do primeiro homem.

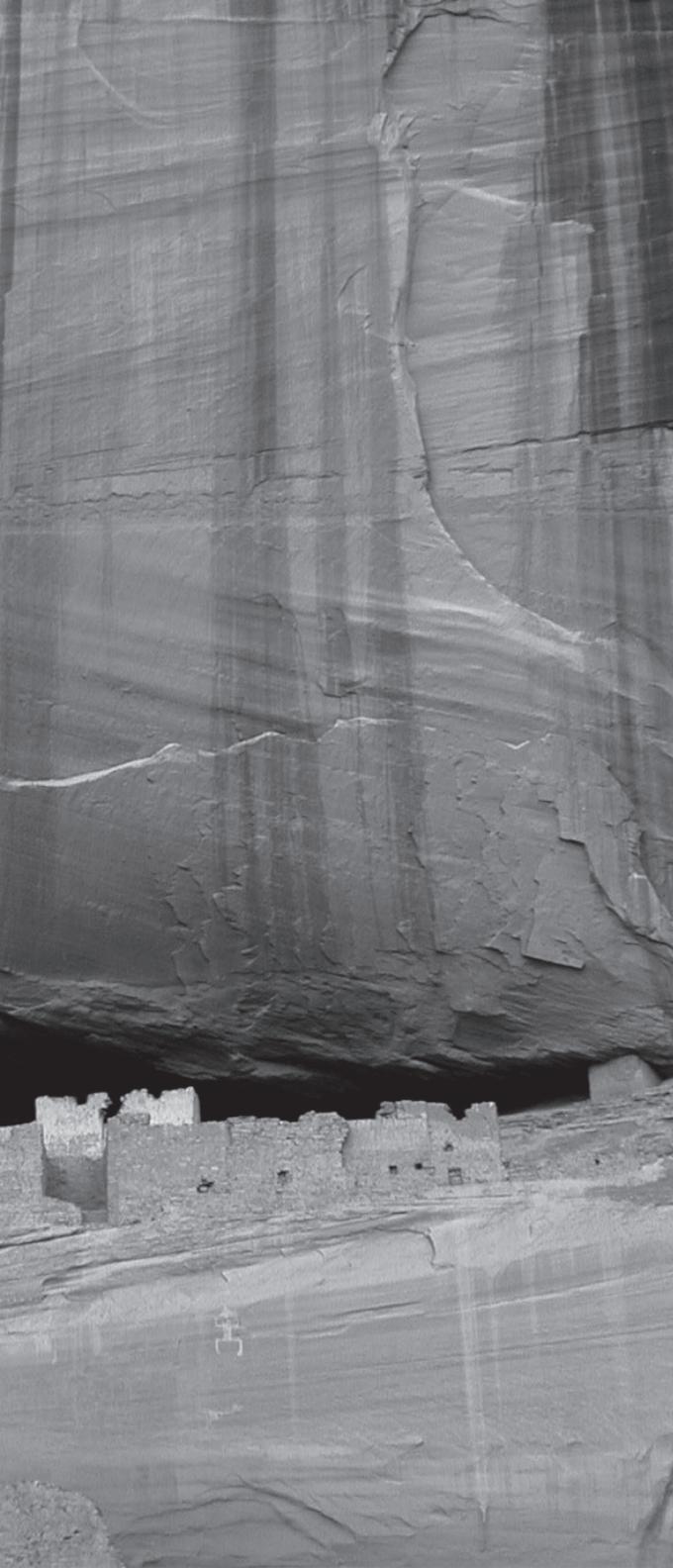
A segunda parte descreve as recriações sucessivas do mundo, porque os deuses tiveram de destruí-lo várias vezes porque o homem falhava em sua missão e esquecia de honrar seu Criador. De acordo com a tradição Hopi, o mundo foi destruído três vezes, e o homem atual vive no quarto mundo.

Durante esse tempo, o grupo dos sobreviventes vivia em paz com os homens formigas.

**KUSKURZA – O TERCEIRO MUNDO** Após um longo período, os gêmeos receberam a ordem de retomar sua tarefa nos pólos da terra. A terra reencontrou seu equilíbrio, lentamente aqueceu-se e Sotuknang começou a terceira criação da vida sobre terra. Quando a terra estava preparada, ele retornou ao formigueiro e pediu aos homens que saíssem. Ele disse então: “Salvei-vos para que possais repovoar a terra. Mas recordai a todo instante as duas coisas que vou dizer: primeiro, deveis render reverência a mim, vosso criador, respeitar-me e respeitar a vós mesmos. Segundo, de todos os cimos das montanhas fazei ressoar incessantemente cantos de louvor. Quando eu já não ouvir cantos de louvor, saberei que vós outra vez sucumbistes ao mal”. Os homens repovoaram outra vez a terra e continuaram a evoluir. No primeiro mundo tinham



vivido com os animais; no segundo, tinham aprendido ofícios, a fazer comércio e a construir aldeias. Neste terceiro mundo, edificaram grandes cidades, desenvolveram completamente a indústria. Aprenderam até a fazer armas e escudos voadores com os quais atacar outras cidades. Sua criatividade foi empregada para destruir. Sotuk-



nang, de acordo com a mulher, decidiu dar fim uma vez mais a este mundo, salvando ao mesmo tempo os que tivessem continuado a louvá-lo. A destruição ocorreu pela água. Dilúvios inundaram a terra inteira. Para poder salvar certos homens, a mulher os colocou dentro de longos caules de bambu com alimento suficiente para

uma grande viagem. Quando a chuva cessou, construiu jangadas de junco para que os homens salvos pudessem partir em direção do nascer do sol. Na rota, foram colocadas à sua disposição ilhas, onde puderam semear e colher antes de prosseguir.

**TUWAQACHI – O QUARTO MUNDO** Enfim eles chegaram a um grande país com elevadas montanhas onde Sotuknang apareceu-lhes outra vez e lhes disse: “Olhai na direção de onde viestes, vede as ilhas de onde vivestes. São vestígios da vossa viagem, os cimos das elevadas montanhas do terceiro mundo que destruí. Olhai”. Enquanto os homens olhavam, uma a uma as ilhas desapareciam na água. Sotuknang prosseguiu: “Vêde, até apaguei os vossos vestígios, as pedras que havia deixado à vossa disposição. Antes de partir, digo ainda isto: o nome do quarto mundo é Tuwaqachi, o mundo completo. Descobrireis vós mesmos o porquê. Este mundo não é tão fácil e bonito quanto os precedentes. Há altura e profundidade, calor e frio, beleza e aridez. Aquilo que escolherdes determinará se, desta vez, executareis o plano do Criador.” ✪

Fontes:

Waters, F. *Book of the Hopi*.  
Penguin Books, 1977.

De Soeten, D. *Hopi, la porte du passé et du futur*. Ankh Hermes.

# levantemos âncora

+++ Do diário de bordo do comandante +++ Anotado e transmitido para os navios que vagueiam no oceano da vida: chamado a todos os comandantes que navegam interiormente, em honra do espírito da tradição marítima +++ Esperamos que nossos navios se cruzem um dia no brilho da nova aurora +++ Ad honorem Jesu +++



+++ *Diário de bordo pessoal do comandante, 7º ano, 40º dia, 09h00* +++ *Retorno ao ponto de partida* +++ *Novas ordens do almirantado* +++ *Última anotação como comandante* +++

**A** longa viagem terminou: a boreste, avista-se o porto de chegada. Entrada no porto no início da tarde. Tempo claro; apesar do mar agitado, avançamos bem. Algo imprevisto: embarcou um oficial que, entregando uma notificação pessoal para o oficial-de-serviço, confirmou minhas suspeitas mais secretas. Conforme as ordens do almirantado, um novo comandante assumirá o comando do navio logo após a chegada. Eu serei rebaixado a imediato, e a tripulação, remanejada. Receberemos uma nova missão.

Duvidei que esta última viagem sob meu comando ficasse sem conseqüências: secretamente esperei por isso. Na verdade, quase recebi a mensagem com alívio, apesar da minha ambição e da minha crença numa carreira marítima. Foi como desvencilhar-me de uma vergonha, de uma falta inexplicável e, ao mesmo tempo, recuperar a honra e a responsabilidade.

Sob meu comando ocorreram três naufrágios, doenças contagiosas entre a tripulação, roubo e desvio de carga, assim como alterações arbitrárias de direção durante diferentes viagens. Também houve mortes – não só em decorrência de conflitos violentos em regiões remotas como devido a uma avaliação totalmente errada da situação. Muitos membros fiéis e honrados da tripulação já não estão a bordo, e lamentamos por isso.

Esses dramas, o desfecho de todas as nossas missões e os consideráveis danos ao navio sem dúvida puseram fim à paciência do almirantado. Não deve passar em branco que entre a tripulação existiam vozes que ainda hoje não acreditam na existência de um almirantado. As mudanças arbitrárias de direção e as missões pessoais fizeram que duvidassem fortemente de que haveriam instruções vindas de um alto comando.

E, acontecimento após acontecimento, isso parecia se confirmar: o horizonte a perder de vista, o mar assustador e impiedoso, os abismos de tirar o fôlego com criaturas bizarras e perigosas, a indisciplina desenfreada a bordo e provisões cada vez piores, sem contar o descontentamento crescente dos marinheiros de ter de confiar no comandante unicamente porque ele estava a bordo e decidia qual rumo seguir.

A situação beirava o motim: freqüentemente a ponte-de-comando era ocupada por membros irritados da tripulação que escarneciam de cada ordem. Só o caos que se seguia e os riscos de naufragar faziam os rebeldes sentir, pouco a pouco, que vale mais um comandante ruim que nenhum comandante.

Tudo isso aumentou a nossa surpresa ao receber a bordo um oficial enviado pelo almirantado. Para mim, era um verdadeiro milagre, especialmente porque ele passara despercebido e deixara o navio logo após a entrega das novas ordens, o que foi seguido por um momento de calma, de entendimento e de harmonia entre a tripulação contrária a todas as ordens anteriores.

Embora não fosse mais o comandante, eu jamais duvidara da existência de um almirantado; sempre me senti chamado a agir livremente e me parecia que minhas decisões estavam de acordo com a vontade superior.

Mas existia ainda outro indício, algo tão grande e inegável que, até então, eu tentara ocultar à tripulação: o navio escondia algo. Na primeira viagem, notamos que, com o decorrer do tempo, surgiam novas qualidades e possibilidades referentes à construção dele, especialmente em situações de urgência ou quando era preciso vencer algum perigo. Com surpresa percebemos, por exemplo, que nosso navio sempre estava bem orientado sem que tivéssemos de nos guiar por uma terra conhecida próxima.

Devido a novas funções como veículo marítimo ou aéreo, precisávamos, a todo momento, ajustar tanto suas dimensões como sua forma. Até mesmo eu, como comandante, ainda desconheço o comprimento, a largura, a altura, o conteúdo e o número exato de andares do navio.

Lembro-me, com estremeção e pesar, como penetramos em um de seus conveses inferiores. Meu primeiro-oficial naquele tempo e eu, por pura curiosidade e impelidos por um ardente desejo de busca, forçamos uma escotilha fechada até então. Atrás dela encontrava-se um número incalculável de cabines e compartimentos habitados por toda espécie de seres, que ademais, nos pareceram bem conhecidos. Não que já os tivéssemos encontrado, mas sua irradiação e qualidades específicas exerciam enorme força de atração. Apenas com grande esforço conseguimos nos esquivar dessa magia e lacrar outra vez a escotilha. Juramos jamais forçar a entrada nessas regiões do navio.

No porto, antes da partida, quando a tripulação se preparava para instalar novos aparelhos para melhorar a navegação e as manobras, houve outro acontecimento estranho. Estávamos tão deslumbrados com as novas tecnologias e com as ferramentas modernas, que olhamos quase com desprezo para os tradicionais instrumentos de bordo. O timoneiro ficara encantado com as novidades. Nosso entusiasmo alcançou o auge quando nos foi proposto utilizar somente esses novos instrumentos para nossa navegação.

As conseqüências foram desastrosas, e o naufrágio no mar Mentalis foi registrado no diário de bordo como o pior acontecimento jamais vivido neste navio. Os instrumentos tinham indicado uma direção completamente errada; toda a referência estelar desaparecera. Só descobrimos esse fato após o reparo das avarias.

Depois disso, parecia que nosso navio estava pronto para fazer viagens muito diferentes das que poderíamos supor. Por isso, não causou surpresa quando descobrimos, atrás do painel de controle, instrumentos e aparelhos completamente desconhecidos, muito bem integrados no navio, mas que não apareciam no plano de construção nem no manual.

Devido à experiência no convés inferior, paulatinamente crescia em nós certo respeito e também a convicção de que nada compreendíamos de tudo isso.

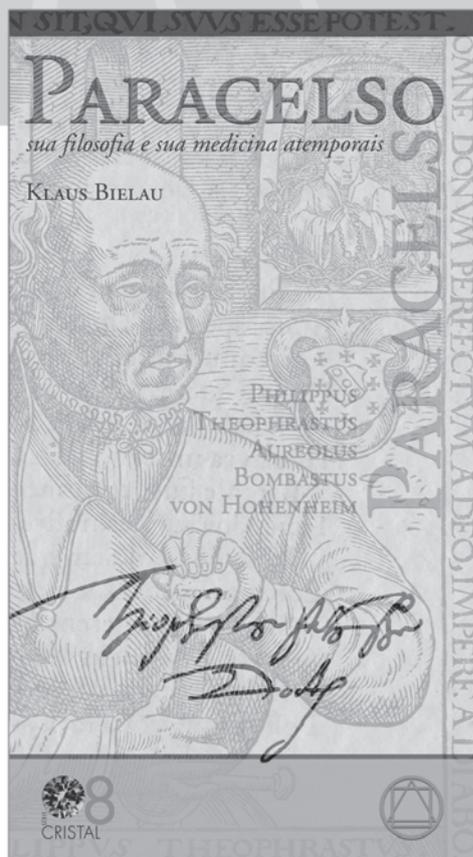
Não posso negar que, com a nomeação de um novo comandante, esses acontecimentos voltam à minha lembrança e se tornam coerentes. Qual será nossa nova missão? Para onde o novo comandante nos conduzirá?

Retornamos ao porto da onde partimos para nossa missão. Fiz o navio virar completamente antes de ordenar “desligar as máquinas” e “lançar âncora”. Em sinal de que recomeçaremos tudo e a fim de compreender a próxima missão, toda a tripulação foi reunida no convés principal.

Despedimo-nos de alguns velhos e bons amigos da antiga tripulação e saudamos os que chegaram, mas devemos compreender que essa mudança, após tão longa viagem, não ocorre sem dificuldades.

Para fortalecer o moral de todos, avisei que o discurso à tripulação e a transferência oficial do comando ao novo comandante ocorrerá ao meio dia.

Que Deus esteja conosco! 🌟



## PARACELSO

### *sua filosofia e sua medicina atemporais*

*KLAUS BIELAU*

Quais as verdadeiras causas das doenças? Como curá-las?  
Neste livro, o autor nos desvenda Paracelso, filósofo, alquimista e o médico mais famoso de sua época, que respondeu a essas questões ao mostrar o que é a Medicina superior, capaz de realizar a cura fundamental do ser humano. É preciso buscar a perfeição, na qual estão força e poder, a fim de alcançar a verdade. Essa fonte de perfeição está em Deus.

EDITORA LECTORIUM ROSICRUCIANUM  
Caixa Postal 39 - 13 240 000 - Jarinu - SP - Brasil  
Tel (11) 4016.1817 - fax 4016.5638  
[www.rosacruzaurea.org.br](http://www.rosacruzaurea.org.br)

---

NÚMERO DE PÁGINAS: 112  
R\$ 24,00  
ISBN: 978-85-88950-48-1

---

Por que o homem é fascinado pelo fogo desde tempos imemoriáveis? Por que ele o adora e busca penetrar seu mistério? Por que o fogo da matéria atormenta o homem a tal ponto que este, reagindo, não hesita em infligir sofrimento, ódio e violência a seu próximo?

Não será porque, do mais profundo de nosso ser, o fogo espiritual da vida superior nos chama? De fato ele nos incomoda e traz em si uma força que, neste mundo, jamais nos deixa tranqüilos. O homem divino original é eternamente um “filho do fogo”.

Para Jacob Boehme, no livro *Aurora*, ou *A Aurora nascente*, o fogo do Espírito é como um raio: “Quando interiormente surge o clarão, ocorre o nascimento do divino. Em Deus, o clarão é contínuo, perpétuo, mas não em nós, pobres crianças de carne. Nesta vida, o nascimento divino triunfante ocorre no intervalo de um relâmpago fulgurante. É por isso que nosso conhecimento é fragmentário, enquanto em Deus o clarão é sempre imutável, eterno”.

Esse princípio de fogo fulgurante, que age como um relâmpago e reside no coração, exige de nós uma transmutação. Ele quer que nos desviemos da vida mortal e edifiquemos em nós uma vida imortal. Ele deseja que orientemos nossa vida para a luz do Espírito, pois o mundo da matéria não é o seu, e ele quer retornar ao mundo da imortalidade. Ele nos aconselha a agir sob a inspiração da luz que emana do mundo do Espírito a fim de que nos elevemos a esse mundo.



ISSN 1677-2253



R\$ 12,00

9 771677 225003